

CAMINHO DE HOSPITALIDADE

SEGUNDO O ESTILO DE S. JOÃO DE DEUS

Espiritualidade da Ordem

Ficha Técnica

Título: Caminho de Hospitalidade Segundo o Estilo de S. João de Deus - Espiritualidade da Ordem.

Foto da Capa: S. João de Deus, Basílica de S. Pedro - Cidade do Vaticano.

Ano: 2005 – 1ª Edição Portuguesa

Edição: Editorial Hospitalidade

Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus

Rua S. Tomás de Aquino, 20

1600-871 Lisboa

Tiragem: 2000 exemplares

Design: Loja da Imagem

Impressão e acabamento:

Documento para uso interno da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.

Proibida a comercialização.

Edição Original:

Síntese e elaboração de: Valentín Riesco, OH – José Cristo Rey García Paredes, CMF

Ano: 2004 – 1ª Edição

Edição: Cúria Geral da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus

Roma

Tradução: Fernando de Pinho

APRESENTAÇÃO

A nossa Ordem Hospitaleira, seguindo os princípios emanados pelo Concílio Vaticano II, concretamente do Decreto *Perfectae Caritatis*, para a adequada renovação da Vida Religiosa, realizou nos últimos anos uma série de reflexões que ajudaram os Irmãos e Colaboradores a viverem o carisma da hospitalidade recebida de São João de Deus, no serviço prestado aos pobres e aos necessitados.

Para isso promoveu uma dimensão pastoral e evangelizadora, insistindo muito na necessidade de viver a assistência, abrindo-se aos contributos da técnica, mas tendo em especial atenção a humanização, reforçando a nossa identidade, mas respeitando, tanto na colaboração como no serviço, as pessoas que professam outras crenças religiosas, tendo bem presentes as questões bioéticas que se colocam nos dias de hoje no mundo da Saúde e procurando responder-lhes à luz do Magistério da Igreja.

Desde há anos que estamos comprometidos com a reflexão sobre a nossa Espiritualidade, que agora apresento e que intitulámos: *“Caminho de Hospitalidade segundo o estilo de São João de Deus. Espiritualidade da Ordem Hospitaleira”*.

Desde há anos os Irmãos, sobretudo os formadores, mas também muitos Colaboradores manifestavam o desejo de poderem dispor de um guia de Espiritualidade na Ordem.

Queríamos ter uma reflexão actual sobre a Espiritualidade. Sentíamos a necessidade de uma reflexão adequada na qual exprimíssemos a interpretação que hoje fazemos da forma de viver o espírito de São João de Deus, tanto no nosso estilo de vida pessoal como no serviço aos enfermos.

Existiam já, realizados por diversos autores, especialmente Irmãos, muitas abordagens dessa reflexão, mas precisávamos de uma que fosse, neste momento, a expressão do sentir da Ordem.

O LXIII Capítulo Geral, celebrado em 1994, abordou este tema, considerou que era necessário e decidiu que fosse elaborada esta reflexão. Projectou-se realizá-la num ano. Pensou-se que a celebração do V Centenário do nascimento de São João de Deus, 1995-1996, fosse o momento oportuno para a publicar. Como às vezes sucede, o tempo de elaboração demorou mais tempo do que estava inicialmente previsto.

Depois do Capítulo, foi nomeada uma Comissão, formada por Irmãos de diferentes culturas: Valentín A. Riesco, José Sánchez, Bernhard Binder, Stephen de la Rosa, Rafael Teh, Francis Mannapampil, e um colaborador, o professor Pietro Quattrocchi, sacerdote e sociólogo. Participou igualmente, como assessor para a planificação do trabalho a realizar pelos diferentes membros da Comissão, o P. Camilo Macise, Superior Geral dos Carmelitas Descalços, tendo-se realizado com ele duas reuniões.

No final, orientados pelo mesmo P. Macise, decidiu-se procurar um teólogo da vida espiritual, que fizesse uma redacção final com todo o material elaborado, integrando os elementos necessários para o desenvolvimento do que poderia ser hoje a apresentação da Espiritualidade de uma Instituição.

Embora tenhamos logo encontrado a pessoa que assumiu esta responsabilidade, ela estava muito ocupada, de modo que o tempo foi passando e, mais tarde, pedindo desculpa, informou-nos que não podia dedicar-se com a necessária intensidade à realização de um trabalho tão vasto.

Tinham já passado seis anos. Estávamos em vésperas do LXV Capítulo Geral, que teve lugar no ano 2000, sem ainda termos concluído o livro, mas com a esperança de poder terminá-lo a breve prazo, pois o material havia sido entregue ao P. José Cristo Rey García Paredes, o qual se tinha comprometido a fazer a síntese.

Terminado o Capítulo, em finais de Novembro, nomeou-se uma pequena comissão para ajudar o P. José Cristo Rey. A escolha dos seus membros obedeceu à preocupação de todos os seus membros falarem a mesma língua, a fim de facilitar o trabalho. Essa comissão era composta pelos Irmãos Valentín A. Riesco, Jesús Etayo e Francisco Benavides. Eu mesmo participei nas diferentes reuniões e fiz a leitura à medida que os capítulos iam sendo elaborados, exprimindo o meu pensamento sobre eles.

Graças a Deus, o trabalho está finalmente concluído e apresentamo-lo à Ordem como um instrumento de reflexão que sirva aos Irmãos e Colaboradores no seguimento do espírito de São João de Deus, naquilo que pressupõe o caminho que cada um de nós é chamado a percorrer, encarnando os sentimentos que consideramos João de Deus teria hoje, especialmente no serviço aos doentes e necessitados.

A reflexão que chega às vossas mãos representa um esforço realizado para apresentar São João de Deus como nosso Pai espiritual, de quem recebemos uma herança, enriquecida pela tradição, que devemos acolher com grande veneração e que somos chamados a actualizar com novas formas, com novo ardor, em novos lugares, com um carácter universal, num mundo globalizado que tem necessidade da nossa marca joandeína.

Enche-me de satisfação constatar como esta reflexão foi elaborada.

Há uma *primeira parte* dedicada à **Memória**, às origens carismáticas, que descreve a vocação de João de Deus com os conceitos de esvaziamento, chamamento, alteração e identificação. O caminho proposto é um grande chamamento para cada um dos leitores. Enriquecida esta parte com a tradição da Ordem, chega-se a um final, ancorado nos dias de hoje, com uma missão realizada em comum por Irmãos e colaboradores e com uma exigência de inculturação nos cinquenta países onde hoje nos encontramos presentes.

A *segunda parte* apresenta a **fundamentação**, partindo dos termos bíblicos misericórdia e hospitalidade, analisando-os, primeiro separadamente, no seu verdadeiro significado, para chegar depois à síntese que a Ordem viveu e vive na sua espiritualidade. Chega-se ao momento que estamos a viver hoje, neste caso com implicações no tema da humanização, da plenitude da nossa vocação, no ser de Irmãos de cada um de nós, consagrados como João de Deus.

A *terceira e última parte* aborda o **itinerário espiritual**. A nossa espiritualidade é um caminho, um processo, que nós, os Irmãos, temos de viver na comunidade, com as suas exigências, e que todos, Irmãos e Colaboradores, na medida em que se sentem chamados, têm que tornar realidade na própria vida pessoal e na missão. Esta partilha é uma expressão de que a nossa espiritualidade surge e se vive no povo de Deus, que somos uma Instituição que quer viver juntamente com os Colaboradores a missão e que quer também oferecer aos Colaboradores, como possibilidade de vida, a espiritualidade própria, enriquecida com as suas experiências e seus valores. De todos nós ela vai exigir realmente que estejamos em caminho, que nunca nos instalemos e não sejamos surdos às exigências do Senhor.

É belo ver como cada uma das três partes que constituem o texto termina com uma incidência no presente, expressão do momento que estamos a viver, desejo do que somos chamados a viver no futuro imediato.

No seu Magistério, João Paulo II reforçou com insistência a dimensão espiritual da vida da Igreja, da Vida Consagrada. Dou graças ao Senhor pelo significado deste contributo, que colocamos nas mãos da Ordem, que nos levará a pensar muitas vezes no nosso Pai, São João de Deus, e a confrontar o seu espírito com a realidade que estamos a viver e com a qual somos chamados a viver diariamente. Temos necessidade de ser espirituais, temos necessidade de viver a nossa espiritualidade como João de Deus, partindo de Cristo Misericórdia e Hospitalidade, no serviço que prestamos aos doentes e necessitados. Oxalá tenhamos a capacidade, como João de Deus, de nos pôr a caminho, de sermos itinerantes, de nunca nos instalarmos na vida.

Coloco tudo isto nas mãos da Virgem, nossa mãe, a sempre intacta, como dizia São João de Deus, na solenidade do seu Patrocínio sobre a Ordem.

Ir. Pascual Piles Ferrando
Superior Geral

Solenidade de Nossa Senhora do Patrocínio,
La Havana, 15 de Novembro 2003,
IV Centenário da presença da Ordem em Cuba.

INTRODUÇÃO

1. “*O que tão piedosamente aquele bendito varão João de Deus*”,¹ “*por volta do ano de 1538, começou em Granada, numa pobre casa alugada*”,² continua por diante; decorridos 465 anos, o seu espírito e carisma continuam a ter repercussão no mundo actual. É tão grande a sua fecundidade e capacidade transformadora que homens e mulheres de diferentes povos, continentes, raças e épocas o reconhecem como “pai espiritual”. Uns e outras, movidos pelo seu espírito, desenvolvem projectos de acolhimento, ajuda, saúde e reabilitação em favor dos mais necessitados³.
2. Vivemos numa época que não é só de mudanças, mas numa autêntica mudança de época. Estão a tornar-se obsoletas e anacrónicas as formas de pensar e de viver do passado próximo; perdem eficácia os velhos métodos e instituições. Por isso, vale a pena não só acolher com veneração a herança recebida de João de Deus, mas traduzi-la em novas expressões, vivê-la em formas culturais novas e senti-la com um novo ardor.

1. Mudança de época

3. Esta mudança de época afecta-nos sob diversos pontos de vista: por um lado, a globalização; por outro, a afirmação das realidades locais (*localização*), a pós-modernidade e a sua influência na Igreja e na Ordem.
- *Globalização e afirmação das realidades locais*: vivemos em tempos de globalização (marcada por grandes redes mundiais), mas também em tempos de afirmação do que é local (autóctone, indígena, cultural, específico). Ambos os movimentos têm aspectos positivos, mas também negativos. Uma globalização humanizante, solidária e não excludora, oferece possibilidades inéditas à comunhão entre as nações, aos grupos humanos e às pessoas. Uma *localização* não fechada em si mesma, nem fundamentalista, pode trazer ao nosso mundo riquezas e perspectivas até agora inimagináveis. O nosso carisma mundializa-se também, ao mesmo tempo que se localiza e assume forma em diversos lugares e culturas. Sentimo-nos especialmente interpelados a pôr em acto o chamamento da Igreja a globalizar a solidariedade, a ternura, a caridade num mundo em que a globalização económica se torna fortemente discriminatória e provoca vítimas incontáveis. Também nos sentimos impelidos a defender o valor do que é local e a individualidade de cada pessoa, especialmente daquelas que a sociedade globalizante marginaliza.

¹ *Regra e Constituições para o Hospital de Ioan de Dios de Granada* (1585) Tít. I, 1ª Constituição, in *Primitivas Constituciones*, Madrid 1977, p. 12.

² Constituições de 1587, Introdução, in *op. cit.*, pp. 81-82.

³ “*João de Deus não pertence só a nós; pertence também à sociedade, à Igreja. E nós nem sequer somos os únicos responsáveis por que ele permaneça vivo ao longo da História. Mas, com a ajuda de Deus, temos de fazer com que a sua Ordem e ele continuem no tempo*”. Ir. PASCUAL PILES FERRANDO, *Deixai-vos guiar pelo Espírito* (Gal 5, 16). Carta circular aos Irmãos da Ordem, Roma 24 de Outubro de 1996, 9.3.

- *A pós-modernidade:* a chamada pós-modernidade é uma outra característica da mudança de época. É costume descrevê-la como um “estado de espírito” comum, globalizado, presente de uma ou outra forma em todos os povos da terra. É costume dizer-se que estão a passar os tempos do totalitarismo, do absolutismo, das visões dogmáticas, do patriarcalismo; significa que está ultrapassada a anterior visão eurocêntrica do mundo, que procurava explicá-lo e controlar tudo. A mentalidade pós-moderna está particularmente enraizada nas jovens gerações, embora afecte todas as pessoas. Sugere que optemos por explicações humildes e fragmentárias da realidade, que é mais eficaz realizar pequenos actos de transformação do que pretender mudanças radicais, que temos de aceitar o pluralismo, a diversidade e sermos muito mais tolerantes e acolhedores em relação ao diverso, aos outros. Neste contexto, a hospitalidade e a misericórdia adquirem um significado novo e a sua concretização em acções e instituições adequadas aos tempos em que vivemos constitui um novo desafio para nós. A pós-modernidade desafia igualmente a nossa espiritualidade que, em sintonia com ela, se define mais como caminho do que como lei moral ou exigência abstracta. A pós-modernidade torna-nos sensíveis à pluralidade das formas de vida humana e cristã e, por isso, abre-nos à correlação e à comunhão. Por isso, falamos de missão partilhada, de carisma partilhado, de vida partilhada.
- *Possibilidades e ameaças:* aguardam-nos novas e preciosas possibilidades, mas também novas e terríveis ameaças. Estamos perante um tempo que não dominamos e em que temos de encontrar novos caminhos. Em todo o caso, as repercussões desta mudança de época afectam todas as nossas dimensões: espírito e corpo, indivíduo e sociedade, dimensão profana e transcendência. As relações entre nós não são as mesmas de outrora. Descobrimos novas facetas nas relações entre os géneros masculino e feminino, introduzindo um novo estilo nas relações entre o homem e a mulher (quer na família quer na sociedade). Perante a acumulação do poder económico e político, emergem formas alternativas de poder que o ameaçam (terrorismo, máfias) e estão afectados por esta realidade milhões de seres humanos que sofrem as consequências desta luta. A nossa humanidade caracteriza-se por uma surpreendente mobilidade – real ou virtual – que impede os ritmos serenos, as etapas previsíveis, e nos faz entrar em âmbitos de forte incerteza. O crescimento económico é real, mas isso não impede o aumento da pobreza entre milhões de seres humanos. São tantos os contrastes e as pressões que se abatem sobre a psicologia humana que muitas pessoas não aguentam o impacto, deprimem-se e chegam mesmo a enlouquecer. Todos estão afectados, hoje mais do que noutros tempos, por uma notável perda do “sentido da vida” e da história.

2. A Igreja e a Ordem neste contexto

4. Também a Igreja vive esta mudança de época. Não é a mesma que foi nos tempos passados. De facto,
 - Tem hoje um rosto mais global e mundial. Tornou-se mais multicultural e multiracial do que nunca.
 - Sente em si mesma todas as possibilidades de um novo tempo, mas sofre igualmente todas as ameaças e desgraças que esta mudança de época implica.
 - Impulsionada pela misericórdia, que a constitui, a mãe Igreja quer acolher a todos e – de modo muito especial – abrir-se aos mais necessitados.
 - Escuta com renovada atenção e com uma atitude criadora as palavras do Ressuscitado que a envia como missionária a todo o mundo, a todos os Povos, para anunciar o Evangelho e tornar presente a Misericórdia.

5. Em semelhante contexto, o **carisma de João de Deus** readquire uma formidável actualidade que é necessário sublinhar e configurar. A Ordem assumiu o processo de renovação iniciado pelo Concílio Vaticano II, com audácia e seriedade. Reflectiu em profundidade sobre o carisma no nosso tempo e colocou a si mesma novos desafios e novas metas. Assim se foi imprimindo um novo rosto ao carisma de João de Deus neste tempo.⁴ Mas não podemos parar; é necessária hoje essa fantasia criadora que tem nas gerações jovens os seus melhores depositários. Nestas circunstâncias históricas, no mundo de hoje, pluricêntrico e global, nesta Igreja feita simultaneamente de Igrejas particulares e católica, a Ordem será capaz de intuir novas respostas, de desvendar novos caminhos do Espírito. Além dos Irmãos, outras pessoas batem às portas da Ordem, conscientes de serem portadoras do carisma de João de Deus. Por isso, há uma abertura nova em relação à “missão partilhada”, à “espiritualidade partilhada”, como nova definição da identidade da Ordem. Hoje, a Ordem manifesta um rosto plural, inter-cultural, inter-racial.⁵ Ela sente-se chamada a propor o caminho espiritual de João de Deus a homens e mulheres que já não pertencem às culturas ocidentais, como sucedia até agora.
6. O desafio de nos abirmos à riqueza espiritual das nações e culturas sem, por isso, perdermos a herança recebida, confere um novo fôlego ao nosso carisma histórico, como Ordem. As gerações jovens sentem na própria alma uma frescura cultural. Existe uma fractura cultural entre as gerações que não devemos menosprezar. Só as pessoas que se foram mantendo abertas à realidade compreendem adequadamente este facto e podem acompanhar as jovens gerações na sua busca e nos seus anseios. Surgem actualmente novos e inéditos desafios. Não basta aceitar o carisma como uma herança recebida. É preciso configurá-lo de novo, dar-lhe um novo rosto, interpretá-lo de uma forma mais actual. É preciso fazer “arder o coração”, não só aos membros da Ordem, mas também à sociedade, às pessoas, à Igreja. A tarefa de refundar a espiritualidade tornar-se-ia impossível se não tivéssemos a convicção de que o Espírito continua a actuar e concede como graça aquilo que apaixonadamente procuramos. O

⁴ Cf. *Declarações do LXV Capítulo Geral* (Documentação). Granada, 6-24 de Novembro de 2000; *Carta de Identidade da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*, Roma, 8 de Março de 2000; *Irmãos e Colaboradores unidos para servir e promover a vida*, Roma, 8 de Março de 1992; *João de Deus continua vivo*, Mem Martins, Outubro 1991; *A nova evangelização e a nova hospitalidade no limiar do Terceiro Milénio. LXIII Capítulo Geral da Ordem Hospitaleira*, Santa Fé de Bogotá, 2-28 de Outubro de 1994; MARCHESI, P., *A Hospitalidade dos Irmãos de S. João de Deus rumo ao ano 2000*, Roma, 1986; PILES FERRANDO, P., *Deixai-vos guiar pelo Espírito* (Carta Circular aos Irmãos da Ordem), Roma, 24 de Outubro de 1996; PILES FERRANDO, P., *Hospitalidade no início do Terceiro Milénio. Realização da profecia de S. João de Deus* (Carta circular). Roma, 2 de Fevereiro de 2001.

⁵ “Somos 1.500 Irmãos, 40.000 colaboradores, entre empregados e voluntários, e cerca de 300.000 colaboradores-benfeitores. Estamos presentes nos 5 continentes, em 46 nações, com 21 Províncias religiosas, 1 Vice-Província, 6 Delegações Gerais e 5 Delegações Provinciais. Realizamos o nosso apostolado a bem dos doentes, dos pobres e dos que sofrem, através de 293 Obras Apostólicas. Sendo membros de um mesmo corpo, a Ordem, vivemos, no entanto, realidades bem diferentes: há quem viva em Obras e sociedades altamente tecnicizadas e quem viva em Obras e sociedades nos países em vias de desenvolvimento; há quem viva em nações que beneficiam de um clima de paz, e quem, ao contrário, viva em países dilacerados pela guerra e pela violência, ou que sofrem ainda as consequências de um passado recente, caracterizado pela violência; há quem goze de plena liberdade na sociedade em que vive, e quem, ao contrário, veja a sua liberdade e os seus direitos fundamentais severamente limitados; há quem se dedique ao apostolado propriamente hospitalar e quem, ao contrário, se empenhe nos temas sociais ou nos sectores de marginalização; há quem tenha como missão a de ajudar a viver, enquanto, para outros, o seu campo de acção consiste em garantir à pessoa humana uma morte com dignidade; ainda que todos trabalhem na perspectiva de uma assistência integral, holística, há matizes que nos orientam umas vezes para a saúde física, outras para a saúde mental ou, então, para o melhoramento das condições para uma vida digna, etc.; finalmente, uns vivem no Norte e outros que vivem no Sul, uns nas culturas do Oriente e outros nas do Ocidente.” ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS, *Carta de Identidade da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. A assistência aos doentes e necessitados segundo o estilo de S. João de Deus*, Roma, 8 de Março de 2000. Editorial Hospitalidade, Lisboa 2000, pág. 7-8.

Espírito exige apenas vigilância, capacidade de acolhimento e docilidade aos novos caminhos que se abrem.

7. O objectivo do presente *documento* é oferecer os elementos fundamentais da espiritualidade da Ordem no âmbito do novo contexto histórico e do pluralismo étnico, cultural que a caracteriza. Para isso, dividimo-lo em três partes, a saber:
 - I. *A Memória*: origens carismáticas.
 - II. *As chaves evangélicas*: Misericórdia e Hospitalidade.
 - III. *O itinerário espiritual*: a Espiritualidade hospitaleira para o nosso tempo.

I. A MEMÓRIA: ORIGENS CARISMÁTICAS

8. Contemplemos o caminho espiritual de João de Deus. Nele, descobrimos o desígnio original e o ícone do nosso “caminho de espiritualidade”.

1. O Caminho espiritual de S. João de Deus

9. João de Deus foi um homem em caminho, um viandante: na sua vida tiveram lugar peregrinações e longas caminhadas. Nelas, ficou esboçado o itinerário da sua peregrinação interior, do seu caminho espiritual. João de Deus fez da sua vida um caminho – andando descalço e subindo por ladeiras íngremes⁶ – até chegar ao topo. Paradoxalmente, atingiu esse cume descendo até ao mais ínfimo da miséria humana. Na sua vida, podemos distinguir quatro etapas, que denominamos com as seguintes palavras: *esvaziamento, chamamento, alteração e identificação*.

a) Esvaziamento: deixar espaço à graça – primeira etapa

10. Após uma série de fracassos, João de Deus experimentou o vazio e descobriu a plenitude de Deus. “*Deus antes e acima de todas as coisas do mundo!*”⁷. Não obtiveram êxito as suas primeiras aventuras como soldado e caiu por terra – derrubado, como Paulo –, ameaçado e sem outro socorro senão o que lhe podia vir do alto⁸. Falhou como militar quando um capitão o condenou a ser enforcado numa árvore por ter perdido os despojos de guerra que deixou roubar: apesar de não ter sido executado, foi expulso do acampamento, ficando na mais negra miséria. No seu caminho – desde Fuenterrabía até Oropesa – queixava-se “*da paga que o mundo dá a quem mais o segue*”.⁹ Depois de nove anos de silêncio, João alistou-se novamente no exército do Imperador e foi combater contra os turcos. Voltou de Viena e

⁶ João de Deus não ignora que, para atingir a plenitude e evitar os escolhos, o homem precisa de vigiar e estar disponível: “*andai sempre vigilante, com o pé no estribo*”, porque pode acontecer que “*nessa viagem vos haveis de ir perder*”. Cf. S. JOÃO DE DEUS (SJD), *Cartas, 1 Carta à Duquesa de Sesá (IDS), 7; Carta a Luís Baptista (LB), 6*. in Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, *Constituições, Cartas de S. João de Deus, Regra de Santo Agostinho*. Telhal 1985.

⁷ SJD, *Cartas*, ibidem.

⁸ Durante o cerco de Fuenterrabía, João de Deus ofereceu-se para ir buscar as provisões que faltavam às tropas no destacamento militar: “*montou numa égua que tinha tomado aos franceses*” e, como não levava freio e correndo a galope pela falda de uma serra, dirigiu-se para a povoação, mas a égua atirou com o cavaleiro para o meio de um fraguado, seguindo o seu “instinto natural”. João não conseguiu detê-la; ficou sem fala por mais de duas horas, vertendo sangue pela boca e pelo nariz, sem sentidos. Ao despertar, sentiu impotência, dores, ameaça pela proximidade do inimigo e... sem socorro em tão grande perigo, “*ergueu-se do chão, o melhor que pôde, e, falando com dificuldade, pôs-se de joelhos, de olhos fitos no céu, invocando o nome de Nossa Senhora, a Virgem Maria*”. Tomou nas mãos um pau e, apoiando-se nele, foi andando, até chegar junto dos companheiros que o esperavam “*e o mandaram deitar numa cama*”. FRANCISCO DE CASTRO, *História da Vida e Obras de S. João de Deus*, in MANUEL GÓMEZ MORENO, *Primícias históricas de San Juan de Dios* (de seguida, abreviadamente, CASTRO), Madrid 1950). [N.d.T. – As citações são tomadas da edição portuguesa da Biografia de S. João de Deus, traduzida por Fr. Aires Gameiro, O.H., co-edição de Editorial Franciscana (Braga) e Hospital Infantil de S. João de Deus (Montemor-o-Novo), 1980. Este episódio é relatado no Cap. I, p. 35].

⁹ CASTRO, Cap. II, p. 37.

desembarcou em A Coruña. A proximidade da sua terra despertou nele a saudade dos seus pais, de quem se separara aos oito anos, mas a sua tristeza foi grande quando soube que eles tinham morrido.¹⁰ Sentiu-se vazio. Descobriu a inconsistência da vida:¹¹ *“ainda que fosse nosso o mundo inteiro, em nada seríamos melhores e nunca estaríamos contentes por mais que tivéssemos”*; ¹² por isso, decidiu *“não confiar em si mesmo”*.¹³

b) O chamamento: ao serviço definitivo do Senhor Deus – segunda etapa

11. O seu tio deu-lhe a possibilidade de ficar naquela que fora a casa dos seus pais, mas ele recusou, dizendo: *“Minha vontade é de não permanecer nesta terra, mas de ir aonde sirva a Nosso Senhor... Confio no meu Senhor Jesus Cristo que me há-de dar a graça de pôr deveras em prática este meu desejo”*.¹⁴ E continuou a procurar, sem encontrar. Regressou à vida de pastor, em Sevilha. *“Como não via o caminho que Nosso Senhor lhe destinava para O servir, andava triste”*.¹⁵ Por fim, abandonou definitivamente a vida de pastor. Partiu para Ceuta. Ali, para socorrer uma família enferma, pôs-se a trabalhar na *“fortificação de umas muralhas”*, entregando à família, todas as noites, *“o salário que recebia pelo seu trabalho”*.¹⁶ Superou uma profunda crise espiritual com a ajuda de um frade douto, que o mandou expressamente sair daquela terra e regressar à península. Chegado a Gibraltar, fez uma confissão geral. João, por vezes soluçando, pedia paz, tranquilidade e que chegasse à meta do serviço que desejava: *“concedei desde já a paz e tranquilidade a esta alma”*. E a oração foi-se tornando oferecimento cada vez mais generoso: *“a fim de Vos servir e ser para sempre vosso escravo”*.

Pedia “sempre a Nosso Senhor, de todo o coração e com lágrimas, que o encaminhasse para aquilo em que O havia de servir”: “assim, Vos suplico, tanto quanto posso, Senhor meu, tenhais por bem ensinar-me o caminho por onde tenho de seguir, a fim de Vos servir”.¹⁷

12. Procurava o seu sustento realizando diversas tarefas, chegando a ocupar-se da venda de livros, inicialmente como livreiro ambulante. Desejoso de fixar a sua vida no novo ofício, com o qual realizava o seu apostolado, além de arranjar dinheiro suficiente para viver e fazer obras de caridade, *“determinou vir para a cidade de Granada e morar nela habitualmente”*.¹⁸ Em Granada, experimentou alguma tranquilidade, dedicando-se às coisas do seu ofício, sem deixar de sentir a voz que palpitava dentro de si e o mantinha em escuta

¹⁰ *“Criou-se com os pais até à idade de oito anos, e, sem eles o saberem, foi levado dali por um clérigo”* (Castro, Cap. I, p. 34).

¹¹ *“Tudo perece... enquanto estivermos neste desterro e vale de lágrimas”* (1DS 6; 2DS 10)...*“A morte destrói e acaba com tudo o que este miserável mundo nos dá, não nos deixando levar connosco senão um pedaço de pano roto e mal cosido”* (3DS 15).

¹² 1DS 10.

¹³ 2DS 18.

¹⁴ CASTRO, Cap. III, p. 40.

¹⁵ *“Como não via o caminho que Nosso Senhor lhe destinava para O servir..., andava triste e não tinha sossego nem repouso”*. CASTRO, Cap. IV, p. 41-42.

¹⁶ CASTRO, Cap. V, p. 44.

¹⁷ Ibid., Cap. VI, p. 47.

¹⁸ Ibid., Cap. VI, p. 48-49.

atenta. No dia da Festa de S. Sebastião, subiu à Ermida dos Mártires para ouvir, “entre os demais”, o sermão do Mestre João Ávila.¹⁹ Era ali que o Senhor estava à espera dele.

13. O Mestre Ávila foi o seu guia espiritual. João de Deus ficou de modo muito especial impressionado com o seu comentário à passagem do Evangelho sobre as bem-aventuranças e a bem-aventurança dos pobres (Lc 6,17-32):

*“Acabado o sermão, saiu dali como que fora de si, suplicando, em alta voz, a misericórdia de Deus..., até chegar à sua residência, onde tinha a loja e tudo quanto possuía. Lançou mão dos livros que tinha... e dava-os de boa vontade e gratuitamente ao primeiro que os pedisse por amor de Deus. O mesmo fez com o mais que tinha em casa... Em breve tempo, ficou sem o seu fornecimento e despojado de todos os bens temporais. Mas não se contentou com isso: deu ainda a própria roupa que trazia vestida, sem nada reservar para si... E, assim, despido, descalço e descarapuçado, voltou, gritando, às ruas principais da cidade de Granada, querendo, nu, seguir a Cristo nu, e tornar-se totalmente pobre por amor d’Aquele que, sendo a riqueza de todas as suas criaturas, se fez pobre, para lhes mostrar o caminho da humildade”.*²⁰

c) Alteração: transformado pela Palavra de Deus – terceira etapa

14. A partir deste momento, a vocação de João de Deus define-se como a vontade de, despojado, seguir a Cristo nu e tornar-se completamente pobre por amor d’Aquele que, por ele, se fez pobre.

*“Pessoas de respeito, que isto presenciaram, movidas de compaixão, considerando que não era loucura, como o vulgo julgava..., levaram-no à residência do Padre Ávila. O Padre Mestre Ávila dava muitas graças a Nosso Senhor por ver os grandes sinais de contrição do novo penitente, dizendo-lhe: «Irmão João, animai-vos muito em Nosso Senhor Jesus Cristo e confiai na sua misericórdia, pois Ele levará a bom termo esta obra que começou. Sede fiel e constante naquilo que começastes. Ide em paz com a bênção de Deus e a minha. Eu confio no Senhor, que não vos será negada a sua misericórdia». Saiu João de Deus tão confortado... que cobrou novas forças para se menosprezar, desejando ser tido e julgado por todos como louco, mau e digno de todo o desprezo e desonra, para melhor servir e agradar a Jesus Cristo, já que só a Ele tinha em vista.*²¹

*Vendo-o assim, dois homens probos da cidade compadeceram-se dele... e levaram-no para o Hospital Real, que é onde recolhem e tratam os loucos da cidade... Mas, como o tratamento principal que ali se aplica a todos são açoites e metê-los em ásperas prisões e outras coisas semelhantes, para que, com a dor e castigo, percam a fúria e voltem a si, ataram-no de pés e mãos e, despindo-o, deram-lhe uma boa sova de açoites com uma corda dobrada”.*²²

¹⁹ Cf. CASTRO, Cap. VII, p. 44 seg.

²⁰ CASTRO, Cap. VII, p. 53-54.

²¹ Ibid., Cap. VII, 54; Cap. VIII, p. 57.

²² Ibid., Cap. VIII, p. 59-60.

15. No Hospital Real, João encontrou a resposta à sua impaciente busca de servir o Senhor, onde e como Ele desejasse. A experiência de sentir-se incluído entre os que perderam o bem mais precioso que uma pessoa tem, o juízo, e assim sentir-se lançado no abismo mais profundo do desprezo e da comiseração, recordou-lhe o caminho seguido por Cristo para resgatar a humanidade: era preciso encarnar-se no mundo da miséria humana, sofrer o desprezo daqueles que se julgam sábios e normais, para alcançar a reabilitação daqueles que percorrem o caminho da enfermidade, da pobreza e da loucura; era necessário pertencer ao grupo dessas pessoas para lhes demonstrar que também elas são pessoas, filhas de Deus, como ele... e como todos.

*“E vendo castigar os doentes que estavam loucos, a viver, com ele, dizia: «Jesus Cristo me conceda tempo e me dê a graça de eu ter um hospital, onde possa recolher os pobres desamparados e faltos de juízo, e servi-los como desejo”».*²³

16. João ficou “ferido do amor de Jesus Cristo”.²⁴ Recebeu a “mercê que lhe havia de fazer”.²⁵ Ao fazer-se solidário com os pobres e os doentes, vivendo e sofrendo a sua mesma sorte, descobriu o Caminho que tanto procurara e desejara.

d) Identificação: como Jesus pobre e como os pobres – quarta etapa

17. Começou a percorrer o novo e definitivo Caminho: recolhia e vendia lenha; com o que lhe davam, alimentava-se mal e dava o resto aos pobres. A sua casa eram os portais cobertos das praças e ruas de Granada, partilhando com os deserdados o calor e o frio, as amarguras e as esperanças. Decidiu tornar-se mendigo por amor de Deus, para aliviar o sofrimento e a miséria dos seus irmãos, gritando: “*Quem faz bem a si mesmo? Fazei bem por amor de Deus, irmãos em Jesus Cristo!*”²⁶
18. Vendo os pobres “*deitados pelos portais, a tiritar de frio, desprovidos de roupa, chagados e enfermos, e vendo o muito que disto havia, movido de compaixão, determinou, mais decididamente, buscar-lhes remédio*”.²⁷ Com a ajuda de algumas pessoas devotas, alugou uma casa, arranjou-a com as coisas indispensáveis e “*começou a transportar pobres às costas, de todas as formas que encontrava pela cidade*”.²⁸ Jesus Cristo começava a conceder-lhe a graça de tornar realidade o seu propósito de ter um hospital onde cuidar dos pobres e enfermos segundo os impulsos do seu coração.
19. Para João de Deus, o hospital é um lugar sagrado, uma casa de Deus. O seu é um *hospital-lar*, aberto a todos os pobres desamparados, sem qualquer discriminação, porque Deus faz brilhar o sol para todos; nele, o hóspede é o “senhor” e João o seu escravo:

“Como a cidade é grande e muito fria, especialmente agora, de Inverno, são muitos os pobres que procuram refúgio nesta casa de Deus. ...nela se recebe toda a espécie de doentes e toda a classe de pessoas, de modo que há aqui tolhidos, aleijados, leprosos, mudos, loucos, parálíticos, tinosos, e outros muito velhos e

²³ Ibid., Cap. IX, p. 64.

²⁴ Ibid., Cap. VIII, p. 60.

²⁵ Ibid., Cap. VII, p. 51.

²⁶ Ibid., Cap. XII, p. 76.

²⁷ Ibid., Cap. XI, p. 73.

²⁸ J. SÁNCHEZ MARTÍNEZ, “*Kénosis-diaconía*” en *el itinerario espiritual de San Juan de Dios*, Jerez, 1995, p. 331, 441.

*muitos meninos; e, afora estes, muitos outros peregrinos e viajantes que aqui acodem... ”.*²⁹

20. A gente, estupefacta, não percebia como o Senhor o tinha “introduzido na despensa do vinho e ordenado nele o amor”.³⁰ João crescia na contemplação da “grande misericórdia de Deus” e ele mesmo se fazia misericórdia e gratuidade: “escutava com grande paciência as necessidades de cada um, sem nunca despedir ninguém desconsolado”.³¹ “Tudo quanto fazia e dava lhe parecia pouco, vivia na ansiedade de dar-se a si mesmo de mil maneiras”.³² Diziam dele as pessoas: “pela sua muita caridade divina”,³³ “praticava sempre a caridade e procurava dar esmola”.³⁴ Passava noites inteiras a pedir ao Senhor “remédio para as necessidades que via, com profundos gemidos e suspiros”.³⁵ João de Deus reconhecia que “o bem que os homens fazem não é deles, mas de Deus: a Deus a honra, a glória e o louvor, pois tudo é seu, de Deus. Amém Jesus”.³⁶ Por isso, “tudo quanto fazia e dava lhe parecia pouco”,³⁷ porque vivia absorvido na dimensão da misericórdia de Deus, que “tão magnífico e generoso tinha sido para com ele”.³⁸ Por isso, “a sua maior tristeza era não poder remediar as necessidades: isso despedaçava-lhe o coração”,³⁹ porque “de tal maneira o havia embriagado (o Senhor) no seu amor, que nada negava... sendo piedosíssimo para com todos”.⁴⁰ João de Deus comia geralmente “cebola assada ou outras comidas de baixo preço” e “dormia numa simples esteira, no chão, com uma pedra por cabeceira, coberto com um pedaço de uma manta velha, ...num cubículo muito acanhado, por baixo de uma escada”.⁴¹ “Num cantinho, debaixo das escadas do hospital, experimenta a pobreza dos seus pobres”.⁴²
21. Um dia, descobre que podia endividar-se, oferecer-se a si mesmo como penhor de dívidas para poder continuar a dar remédio a tanto sofrimento⁴³. Não hesita nem por um momento, pede dinheiro emprestado, empenha-se, as dívidas multiplicam-se, continua a ficar empenhado, deve “mais de duzentos ducados”,⁴⁴ mas, mesmo assim, os problemas estão longe de estar resolvidos. “As necessidades e angústias aumentam de dia para dia, tanto pelas dívidas como pelos pobres que vão chegando”.⁴⁵ As dívidas aumentam de tal forma que os credores lhe fecham a porta: “já não mos querem fiar, por eu dever muito”.⁴⁶ A tenaz

²⁹ 2GL 4, 5.

³⁰ CASTRO, Cap. X, 68.

³¹ CASTRO, Cap. XVI, p. 97.

³² Ibid., Cap. X, p. 67.

³³ Processo de Beatificação de S. João de Deus – Livro 52/1.23, folha 81. Cf. J. SÁNCHEZ MARTÍNEZ, “*Kénosis-diaconía en el itinerario espiritual de San Juan de Dios*”, *op. cit.*, p. 190-191.

³⁴ Ibid., L 52/1.20, f 73v.

³⁵ CASTRO, Cap. XVIII, p. 107.

³⁶ IGL 11.

³⁷ CASTRO, Cap. X, p. 68.

³⁸ Ibid., Cap. X, p. 68.

³⁹ IDS 15 e seg. Castro afirma também que “o seu coração não suportava ver pobres a padecer necessidade, sem que lhe desse remédio”, Cap. XVI, p. 101.

⁴⁰ CASTRO, Cap. X, p. 67.

⁴¹ Ibid., Cap. XVII, p. 103-104

⁴² SÁNCHEZ MARTÍNEZ, J., “*Kenosis-diaconía...*”, *op. cit.*, p. 331, 441.

⁴³ Ibid., p. 292, 307, 393.

⁴⁴ 2GL 7.

⁴⁵ Ibidem, 2.

⁴⁶ Ibid., 17.

aperta-se e atormenta-o: as dívidas e as necessidades dos muitos pobres que chegam, encurralam-no num beco sem saída. “Estou tão empenhado e em tanta necessidade que nem sei o que fazer... Vendo-me tão empenhado que muitas vezes nem saio de casa pelas dívidas que tenho”.⁴⁷

22. Na oração, descobriu o sentido de tudo – “vejo-me aqui empenhado e preso só por Jesus Cristo”⁴⁸ – ao encontrar-se num cativo e penhor que se convertem numa prisão perpétua, da qual nunca mais se libertará. Pouco antes de morrer, deixará nas mãos do Arcebispo de Granada, D. Pedro Guerrero, o livro de “estas dívidas que contraí por Jesus Cristo”.⁴⁹ “Depois, pressentindo que se avizinhava a morte, levantou-se da cama e pôs-se de joelhos no pavimento, abraçado a um crucifixo, estando assim um pouco em silêncio. A seguir, disse: «Jesus, Jesus, nas tuas mãos me encomendo». E, dizendo isto com voz forte e inteligível, entregou a alma ao seu Criador”.⁵⁰
23. João de Deus foi provado pela angústia e pelo sofrimento. Do mesmo modo que Jesus, fez-se como um dos tantos dementes e, graças à sua fidelidade, foi enriquecido com o dom da verdadeira sabedoria: compreendeu que a dignidade da pessoa está enraizada na riqueza do coração. Como Jesus, dedicou-se a fazer o bem a todos, a começar pelos grupos de pessoas mais discriminadas: os doentes de todas as classes sociais, os pecadores, as prostitutas..., mesmo a custo de ser desprezado e caluniado. Tal como Jesus, contemplou o mundo dos homens com um olhar de ternura e misericórdia e, graças ao seu amor sem limites, tornou o amor contagioso, converteu-se em irmão de todos e deu início a um caminho de solidariedade hospitaleira. Como Jesus, desceu até ao abismo mais profundo da miséria humana, deixando-se levar até ao Hospital Real, onde Deus lhe continuou a falar, desta vez através dos gritos, das queixas e do desespero dos seus irmãos, os doentes; respondeu assim à ansiosa busca de João e à sua decisão de, “nu, seguir a Cristo nu, e tornar-se totalmente pobre por amor d’Aquele que, sendo a riqueza de todas as suas criaturas, Se fez pobre, para lhes mostrar o caminho da humildade”.⁵¹

SÍNTESE: João de Deus percorreu um caminho espiritual que começou com a dureza descarnada do despojamento indo até à loucura que o contagiou com o infinito amor a Jesus Cristo, passando pelo contacto com a pobreza e marginalização dos bairros degradados de Granada, e chegando, imitando o Mestre, a uma identificação mística com os mais pobres, assumindo o seu opróbrio e as suas dívidas até à morte.

2. Tradição: transmissão do espírito do Fundador e Pai

a) Pai e irmão no Espírito: os primeiros Irmãos

25. O dom de João de Deus irradiava por si mesmo. O seu espírito transmitia-se. O seu amor pelos pobres e doentes encorajou muitas pessoas a unirem-se à sua obra de caridade. A maioria, como benfeitores que o ajudavam com esmolas; bastantes, desejosos de colaborar com ele no serviço prestado aos necessitados; alguns, decididos a viver com ele um novo

⁴⁷ Ibid., 8

⁴⁸ Ibid., 7.

⁴⁹ CASTRO, Cap. XX, p. 119.

⁵⁰ Ibid., Cap. XX, p. 123.

⁵¹ Ibid., Cap. VII, p. 53-54.

estilo de seguir e imitar Jesus. Com estes, constituiu uma comunidade de Irmãos. Não precisou de lhes dar outra norma de vida senão o exemplo do seu próprio modo de viver.

26. Por experiência pessoal, sabia que servir a Jesus Cristo nos seus pobres pressupunha um caminho que não era nada fácil. A quem desejava viver com ele e como ele, recordava, com palavras simples e cortantes, que era necessário estar disposto a **esvaziar-se de si mesmo**, “*deixar a pele e as correias*”,⁵² a vencer as dúvidas e inseguranças, a andar “*como barca sem remo, como pedra movediça*”;⁵³ convidava a ter consciência das próprias debilidades e fraquezas, para não se deixar arrastar por repentinos entusiasmos, tendo em conta que, no futuro, deveria estar sujeito a “*dias de grandes reveses e a outros mais bem sucedidos*”,⁵⁴ pelo que era conveniente que tomasse tempo para **discernir a clamada**, encomendando o caso “*muito a nosso Senhor Jesus Cristo*”,⁵⁵ e estivesse disposto a percorrer o caminho da ascese pessoal, “*levando vida difícil, com fome e sede, humilhações e cansaços, angústias, trabalhos e contrariedades..., tudo por Deus, pois, se para cá vierdes, tereis de passar tudo isto por amor de Deus*”⁵⁶. Insistia na necessidade de viver em relação com Deus e de frequentar os sacramentos: “*todos os dias da vossa vida tende Deus diante dos olhos; ouvi sempre Missa inteira; confessai-vos com frequência, se for possível*”.⁵⁷ Em definitivo, quem desejasse unir-se ao seu estilo de vida, precisava de fazer um **processo de conhecimento e de intimidade com Jesus Cristo** que o motivasse para a imitação da sua entrega no amor a Deus e ao próximo. Não tolera meias medidas; propõe que se alcance o grau mais alto do amor: “*Lembrai-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo e da sua bendita Paixão, pois retribuía com o bem o mal que Lhe faziam. Assim haveis de fazer vós: se vierdes para a casa de Deus, saibais conhecer o mal e o bem*”.⁵⁸ Também não oculta as dificuldades e as exigências: “*Mas se vierdes para aqui, haveis de obedecer muito e trabalhar muito mais do que tendes trabalhado..., e não para folgar, pois ao filho mais querido é que se confiam os trabalhos mais difíceis. Desvelar-vos em cuidar dos pobres, pois, se para cá vierdes, tereis de passar tudo isto por amor de Deus, e por tudo lhe haveis de dar muitas graças, tanto pelo bem como pelo mal*”.⁵⁹ Como critério último, que dá sentido a tudo o resto, propõe que se aspire a fundamentar e centrar a vida na vivência que animava todo o seu querer e agir: “*Amai a Nosso Senhor Jesus Cristo sobre todas as coisas do mundo, pois, por muito que O ameis, muito mais vos ama Ele. Tende sempre caridade, porque onde não há caridade não há Deus, embora Ele esteja em todo o lugar*”.⁶⁰
27. Queria Irmãos com experiência da misericórdia de Deus;⁶¹ assim, viveriam revestidos de sentimentos de amor, extremamente prestáveis e diligentes em tudo, fiéis, compreensivos, capazes de perdoar e de reconciliar-se, e unidos entre si. Na sua maneira de ser e de estar, transmitia-lhes uma segurança inflexível na sua fé e no carisma recebido. Bem cedo, os habitantes de Granada puderam constatar que os “*... Irmãos andam pelas ruas a recolher os pobres e levavam-nos para o hospital, ao colo ou às costas, e curam-nos com grande*

⁵² LB 13.

⁵³ Ibid., 8.9.

⁵⁴ Ibid., 6.

⁵⁵ Ibid., 7.

⁵⁶ Ibid., 9.

⁵⁷ Ibid., 15.

⁵⁸ Ibid., 10.

⁵⁹ Ibid., 11.13.9.

⁶⁰ Ibid., 15.

⁶¹ Cf. IDS 13.

caridade... *É do domínio público que os Irmãos, encontrando pobres nas ruas, pegam neles às costas e levam-nos para o hospital*".⁶² Acabava de surgir na Igreja a Ordem dos Irmãos de S. João de Deus.

b) O espírito hospitaleiro herdado

28. Os primeiros *companheiros*⁶³ de João de Deus participavam do seu espírito hospitaleiro e difundiam-no. Antón Martín era como que um prolongamento de João de Deus: fundou e dirigiu o Hospital de Nossa Senhora do Amor de Deus, em Madrid, que, após a sua morte, recebeu o seu nome;⁶⁴ Pedro Velasco, transformado pela graça, como Antón Martín, reconciliando-se com aquele que antes era seu inimigo e desejava punir severamente, uniu-se ao santo, imitando o seu estilo de vida, e morreu no Hospital de S. João de Deus, em Granada. Ambos foram tocados pela misericórdia de Deus através do testemunho misericordioso de João e foram testemunhas admiráveis de reconciliação e fraternidade hospitaleira. Os outros companheiros são recordados por testemunhas como sendo hospitaleiros, muito próximos dos pobres e dos doentes a quem assistiam; reconheciam que João de Deus era o seu iniciador⁶⁵ e imitavam-no na sua hospitalidade sem limites.⁶⁶ Vinte anos depois da sua morte ainda se mantinha bem vivo o espírito hospitaleiro.
29. Este espírito permaneceu vivo ao longo da história da Ordem. Aí estão, em primeiro lugar, aqueles a quem a Igreja declarou santos, beatos e veneráveis: S. João Grande, S. Ricardo Pampuri, S. Bento Menni; numerosos Beatos Mártires; outros Irmãos, cuja causa de beatificação está em curso (Francisco Camacho, José Olallo Valdés, Eustaquio Kugler, William Gagnon), e tantos outros que, ao longo da história da Ordem, sofreram o martírio e foram perseguidos por causa de Cristo e pela hospitalidade, no Brasil, na Colômbia, no Chile, na Polónia, nas Filipinas, em França, na Espanha, e, recentemente, noutros países.
30. A espiritualidade transmitiu-se também através de outros fundadores e refundadores de comunidades e obras da Ordem: os Irmãos Pedro Soriano (Itália); Giovanni Bonelli (França); Gabriele Ferrara e Giovanni Battista Cassinetti (Império Austro-Germânico), Francisco Hernández (América). Em tempos mais recentes, recordamos Paul de Magallon (França), Eberhard Hacke e Magnobon Markmiller (Alemanha), Giovanni Maria Alfieri (Itália) e S. Bento Menni (Espanha, Portugal e México). O espírito hospitaleiro surgiu, do mesmo modo, em colaboradores que participaram na missão e no espírito carismático.
31. Os *valores* espirituais que foram dando vigor a esta longa história, a partir da experiência originária de João de Deus, são os seguintes:
 - *Experiência profunda da “graça” e da “misericórdia” de Deus*, que leva uma pessoa a reconhecer-se como pecador, necessitado de perdão, e a acolher o dom da hospitalidade

⁶² SÁNCHEZ MARTÍNEZ, J., “*Kénosis-diaconía...*”, *op. cit.*, p. 292, 307, 393.

⁶³ Não se fala neles. Só a Biografia de Francisco de Castro, no Cap. XX, menciona o nome do seu companheiro, Antón Martín. Pelo contrário, em “*El Proceso*”, que é anterior à Biografia de Castro, fala-se muitas vezes dos Irmãos de hábito de João de Deus; e também se fala dos seus companheiros nas Biografias escritas por Dionísio Celi e Antonio Govea. João de Ávila (a quem o Santo, nas suas Cartas, chama “Angulo”) refere o nome de quatro dos companheiros de João de Deus: Antón Martín, Pedro Pecador, Alonso Retingano e Domingo Benedicto.

⁶⁴ L. ORTEGA LÁZARO, *El hermano Antón Martín e su hospital en la calle Atocha de Madrid (1500-1936)*, Madrid 1981, p. 31. Cf. 17-19.

⁶⁵ Cf. J. SÁNCHEZ MARTÍNEZ. “*Kénosis-diaconía*”, T 8/5; T 9/5; T 10/5, p. 346, 356, 364.

⁶⁶ Cf. J. SÁNCHEZ MARTÍNEZ. “*Kénosis-diaconía*”, T 11/20, p. 383: acolhiam todo o tipo de pobres, com todo o género de enfermidades, não se importando se eram mouros ou cristãos, e não abandonavam nenhum deles.

concedido por Deus com tanta liberalidade a João de Deus e aos seus seguidores.⁶⁷ João de Deus experimentava o amor misericordioso e infinito do Pai e sentia-se impulsionado a viver misericordiosamente, sobretudo quando meditava sobre a paixão e morte de Jesus Cristo. Foi isso que manifestou de forma simples e profunda, com estas palavras dirigidas à Duquesa de Sesa: *Se considerássemos como é grande a misericórdia de Deus, nunca deixaríamos de fazer o bem enquanto pudéssemos, pois, se nós dermos por amor aos pobres o que Ele mesmo nos dá... suplica-nos de braços abertos que nos convertamos, choremos os nossos pecados e sejamos caridosos, primeiro com as nossas almas e depois com o próximo* (1DS 13). Quando convidava a contemplar a Paixão do Senhor, fazia-o para motivar à acção de graças e à contemplação, para avivar a esperança em Jesus Cristo, em quem encontraremos conforto e alento nas dificuldades e sofrimentos, e a *fazer o bem e a caridade aos pobres e necessitados* (Cf. 3DS 8, 9; 2DS 9, 19). De João de Deus deriva o lugar privilegiado que, no nosso caminho espiritual, teve e continua a ter a Paixão de Cristo.⁶⁸

- *Seguimento de Jesus compassivo e misericordioso:*⁶⁹ descobrimos em Jesus a encarnação e expressão humana do Deus-Misericórdia, origem da nossa hospitalidade (Const. 20); seguimo-lo e imitamo-lo nos seus gestos e atitudes (Const. 2c; 3a); reconhecemo-lo na pessoa e no rosto do doente e do necessitado, prestando-lhe acolhimento e auxílio amorosos.
- *Devoção à Virgem Maria* como exemplo vivo e proeminente de hospitalidade: na sua forma de acolher, servir, interceder, estar misericordiosamente ao lado de quem sofre.⁷⁰

⁶⁷ Já nas primeiras Constituições é enaltecido este aspecto essencial.

⁶⁸ Como sucedeu com João de Deus, Jesus cativa-nos de modo especial com a sua entrega total em amor, morrendo na cruz por nós: *a contemplação da paixão de Cristo, “Homem das dores”* (Is 53, 3), *ocupa um lugar de relevo na nossa espiritualidade* (Const. 33). Sob este aspecto, a tradição da Ordem remonta aos tempos do nosso Fundador, devotíssimo da Paixão de Cristo. Ao contemplar Cristo crucificado, o nosso Pai concentrava-se a meditar tanto sobre os padecimentos de Jesus, como sobre o amor que o motivava a aceitá-los – um amor que o levou a perdoar até mesmo os seus inimigos. É para este mesmo grau de amor que João convida, quando escreve a Luís Baptista: *“Lembrai-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo e da sua bendita Paixão, pois retribuía com o bem o mal que Lhe faziam. Assim haveis de fazer vós”* (LB 10). João de Deus convida-nos a imitar a Cristo nos seus padecimentos, dedicando-nos a uma vida de penitência e sacrifício até à entrega de amor ao serviço dos que sofrem. No rosto dorido dos doentes, na vida arruinada dos pobres, João descobre e contempla o rosto de Jesus Cristo. Servi-los, para João, não é uma cruz, não significa sacrifícios: é a manifestação de que o amor de Deus inundou a sua vida e que não pode fazer outra coisa senão amar a todos e sempre, especialmente quando são fracos.

⁶⁹ A nossa espiritualidade é, fundamentalmente, cristocêntrica. João de Deus foi um amante apaixonado de Jesus. Através dele, aprendemos a centrar a nossa vida em Cristo e a contemplá-lo na sua maneira de servir, amar e curar os doentes. Jesus de Nazaré é o Mestre que, na sua forma de agir, nos mostra as atitudes e os gestos que precisamos de encarnar para continuar a sua obra de amor. Tal como Jesus, somos chamados a sentir o coração comover-se perante o abandono e a miséria das pessoas (cf. Mt 9, 36) e a entregar-nos ao seu serviço e alívio como a única coisa que verdadeiramente interessa na vida (cf. Mc 6, 34-44); tal como Jesus, experimentamos a capacidade de termos consciência de que, quando nos aproximamos dos necessitados para os servir, manifesta-se a força interior que nos anima (cf. Lc 8, 40-48); ao contemplarmos Jesus que se identifica com os pobres e os doentes, assumindo sobre si as suas dores e carregando as suas enfermidades (cf. Mt 8, 17), renova-se a nossa decisão de nos dedicarmos ao serviço daqueles que sofrem, assumindo, como Jesus, a condição de servos que, com a entrega da própria vida, promovem e defendem a vida dos pobres (cf. Mt 12, 15-21; 20, 28).

⁷⁰ A *Virgem Maria*, figura da Igreja e primeira entre todas as pessoas consagradas (cf. VC, 112), é para nós um modelo de serviço a Cristo em Hospitalidade. João de Deus amou afectuosamente Nossa Senhora: venerou-A e imitou-A na sua maneira de viver; foi um seu profundo devoto e sentiu-se acompanhado e protegido por Ela em todos os momentos difíceis da sua vida. Todas as Cartas de João de Deus começam com as palavras: *Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora, a Virgem Maria sempre intacta*. Como era seu costume, convidava a que *“... tudo o que fizerdes..., seja tudo para serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Virgem Maria Nossa Senhora* (1GL 12). Invocava Nossa Senhora com a recitação do Rosário e encorajava as pessoas a fazerem o mesmo: *Devo dizer-*

- *Vivência harmoniosa* e integral do amor a Deus e do amor ao próximo em necessidade.⁷¹
- *Perseverança espiritual perante os obstáculos*: é tal a experiência da graça que não há dificuldade nem sofrimento capazes de interromper o que se realiza a favor dos pobres, dos enfermos e necessitados.
- *Hospitalidade irradiante*: como João de Deus, também os seus seguidores foram recompensados com uma hospitalidade irradiante e vigorosa que convencia outras pessoas a participar em novos projectos hospitalares e a entrar em comunhão de carisma e espiritualidade com eles. A irradiação carismática via-se acompanhada por uma sábia formação dos colaboradores no espírito de João de Deus.
- *A atenção à pessoa do doente e do necessitado* como contributo da Ordem à missão da Igreja, que é única.⁷²
- *Profissionalismo*: a tradição hospitalar da Ordem dá testemunho do interesse em conjugar a missão hospitalar com os progressos da técnica e da ciência, e com a actualização dos meios, segundo os problemas e as possibilidades característicos de cada época.
- *Espírito de entrega até à morte*: é uma constante em tantos seguidores de João de Deus a disponibilizar-se a entregar-se sem reservas, até entregar inclusivamente a própria vida pelos doentes e necessitados. Assim o demonstram feitos heróicos que marcam a história da Ordem em diferentes lugares e tempos: epidemias, guerras, perigos...

vos que me tenho dado muito bem com o Rosário e que espero em Deus rezá-lo quantas vezes puder e Deus quiser” (LB 17). Soube transmitir aos seus companheiros a confiança na Virgem Maria e o desejo de a imitar no serviço aos pobres e doentes. Sirva de exemplo o testemunho do Ir. Antón Martín que, no seu testamento, afirma: “*Em nome da Santíssima Trindade... e da Bem-aventurada Virgem Gloriosa, nossa Senhora Santa Maria sua Mãe, a qual eu tenho por Senhora e Advogada em todos os meus factos... [...] ao serviço de nosso Senhor Jesus Cristo e da sua gloriosa Mãe* (L. ORTEGA LÁZARO, *O Ir. Antón Martín e o seu Hospital na Calle Atocha, em Madrid*”. 1550-1936, Madrid 1981, pág. 8).

Seguindo a tradição da Ordem, as Constituições recolhem o *sentido mariano da nossa espiritualidade: a Virgem Maria é modelo da nossa consagração a Deus* (nº 25), *profundamente hospitalar* na sua vida consagrada ao serviço da pessoa e da obra de Jesus (cf. Nº 42b). O seu exemplo encoraja-nos a realizar como ela a nossa peregrinação na fé (cf. *Lumen Gentium*, 58) e a imitá-la, acompanhando com integridade e amor afectuoso aqueles que sofrem, associando-nos desta forma *ao sacrifício do seu Filho, que se prolonga na dor da Humanidade* (Const. 34a; cf. 4d). Maria, Saúde dos Enfermos e Mãe de misericórdia, tem *um lugar especial na vida da nossa comunidade hospitalar* (Const. 42b) e no coração de cada Irmão. Sentimo-nos encorajados a honrá-la e a imitar a sua simplicidade e disponibilidade, a sua entrega e fidelidade ao projecto de Deus sobre a nossa vida (cf. Const. 4c), ao mesmo tempo que a veneramos com afecto de piedade filial, celebrando as suas festas e, de modo especial, a do seu Patrocínio sobre a Ordem, e com as formas tradicionais de devoção, entre as quais sobressai a recitação do Rosário. (Cf. Const. 4d; 42b).

A Virgem do Magnificat põe em relevo um dos aspectos mais claros da nossa espiritualidade: o Deus da misericórdia cumpre as suas promessas de libertação e inclina-se com particular predilecção sobre os pobres e os humildes, e fará triunfar o seu poder de misericórdia sobre a arrogância dos poderosos deste mundo que oprimem os fracos. Como Maria, somos chamados a sentir-nos em comunhão com eles, a sentir como nossa a realidade injusta que os oprime e a comprometer-nos evangélicamente na sua libertação integral (Cf. Lc 2, 46-53).

Na Visita a Santa Isabel, por outro lado, a Virgem Maria propõe-se-nos como modelo de hospitalidade, indo ajudar a sua prima e dedicando-se com simplicidade ao seu serviço e, acima de tudo, porque Deus manifesta e torna presente nela a sua salvação. Deus encarnado no seio de Maria, ao escolhê-la como medianeira para comunicar o seu Espírito a Isabel e ao menino que ela trazia no ventre (cf. Lc 2, 41-44), eleva os gestos de hospitalidade ao nível de sacramento que evoca e realiza a sua acção salvífica.

⁷¹ Const., 1984, 103a.

⁷² Ibidem, 103c.

- *Inculturação entre os pobres, ou humildade hospitaleira*: é a menoridade, a “kénosis” hospitaleira, que levava os Irmãos a renunciarem a uma vida confortável e a todo o tipo de grandeza, adaptando-se ao estilo de vida humilde dos pobres e doentes.

3. O “hoje” do carisma de João de Deus: Missão partilhada e inculturação

32. João de Deus partilhou com toda a espécie de pessoas o dom que tinha recebido, fazendo com que elas se sentissem contagiadas pelo seu modo de viver o cristianismo e pelo seu amor pelos necessitados: juntavam-se a ele, no serviço, pessoas simples, benfeitores anónimos e personagens da nobreza, que o apoiavam com bens materiais; presbíteros que colaboravam com ele na assistência espiritual de quantos eram acolhidos no hospital, e muitos outros – voluntários, médicos e pessoal de serviço – que, com ele e os Irmãos, assistiam os doentes.
33. O dom da hospitalidade praticado segundo o estilo de João de Deus teve uma irradiação constante, mesmo junto de pessoas que nem sempre estavam animadas pelos valores da fé cristã. O carisma transmitido desenvolveu-se com uma admirável criatividade, dando origem a uma série de realizações adaptadas aos diferentes tempos e lugares. Temos cada vez mais consciência de que o carisma da hospitalidade segundo o estilo de João de Deus ultrapassa o âmbito dos Irmãos que professaram na Ordem. Continua a ganhar corpo uma nova visão da Ordem como “família”, e acolhemos – como dom do Espírito no nosso tempo – a possibilidade de partilharmos o nosso carisma, a espiritualidade e a missão.⁷³ Esta realidade que, entre nós, foi assumindo vigor muito lentamente, é um desafio a viver “*de tal modo identificados com esta missão que os nossos colaboradores se sintam encorajados a fazer o mesmo*”,⁷⁴ não só porque as obras apostólicas da Ordem, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, se tornaram enormemente complexas, mas porque nos sentimos impelidos pelo imperativo evangélico de partilhar com alegria e gratuitamente o que de graça recebemos do Senhor, para o bem da comunidade eclesial e anúncio do evangelho da misericórdia.
34. Os Irmãos missionários – em missão *ad gentes* – fizeram o possível para que o carisma de João de Deus se tenha difundido e inculturado consideravelmente; agora, está a verificar-se a passagem da inculturação para a *encarnação do carisma e da missão da Ordem* através de Irmãos autóctones. Isto significa que é necessário ultrapassar as maneiras de viver a consagração em hospitalidade segundo o estilo das nações de origem dos missionários e promover um estilo e formas em que cada cultura o possa viver, conservando os aspectos genuínos do carisma que são perenes. As exigências são ainda mais significativas na missão, que deverá passar progressivamente de estilos de organizar a assistência segundo modelos do primeiro mundo para modos de realizar a hospitalidade adequados a cada realidade, encarnada no âmbito sócio-eclesial, sem renunciar ao valor tradicional da Ordem de promover uma assistência digna, baseada nos progressos da ciência e da técnica e realizada por Irmãos e Colaboradores bem qualificados.

⁷³ VC 54.

⁷⁴ Após o Concílio Vaticano II, desde meados dos anos oitenta, a Ordem impulsionou e encorajou um movimento de *Aliança com os Colaboradores*. E, recentemente, a Igreja reconheceu o facto de os leigos *trabalharem para a missão ou colaborarem na missão* dos religiosos, na história das relações entre pessoas consagradas e laicado católico”. (Cf. Const. 23a).

35. Deste modo, ao mesmo tempo que o carisma de João de Deus se enriquece com os valores de cada cultura, a Ordem continuará a desempenhar o papel de ser consciência crítica nos lugares em que a assistência médica e social for deficiente e de promover o desenvolvimento saudável das estruturas sanitárias e assistenciais às quais todos possam aceder, especialmente os mais desfavorecidos.

II. OS FUNDAMENTOS: MISERICÓRDIA E HOSPITALIDADE COMO CATEGORIAS BASILARES

36. A Ordem exprimiu o carisma de João de Deus através de dois termos, intimamente relacionados entre si: “misericórdia” e “hospitalidade”;⁷⁵ encontramos-os também na Palavra de Deus; mesmo no nosso tempo, estas duas palavras falam-nos de valores humanos que são muito bem aceites em todas as culturas. Apresentamos seguidamente algumas breves reflexões sobre cada um destes conceitos, como eixos em torno dos quais gravita a espiritualidade peculiar da Ordem. Para isso, falaremos:
- em primeiro lugar, da misericórdia, como categoria bíblica e antropológica;
 - depois, reflectiremos sobre a hospitalidade, nos seus sentidos bíblico e antropológico;
 - em ambos os casos, evocaremos a peculiar ressonância destes temas no carisma da Ordem, tendo especialmente em conta as Constituições renovadas.

1. Pressuposto: misericórdia e hospitalidade, culpa e violência

37. Misericórdia significa, antes de mais, capacidade de compreensão, de compaixão, de perdão, de nos tornarmos instrumentos de reconciliação que se manifesta na reacção perante a culpa e diante do pecado. Os seres humanos podem agir de acordo com os planos de Deus ou, vice-versa, desobedecer à sua vontade, transgredir as normas humanas, desrespeitar as alianças estabelecidas. Viver a partir do ser, das atitudes positivas, é fonte de harmonia, de desenvolvimento pessoal e cria âmbitos de serenidade e solidariedade. Pelo contrário, a transgressão tem repercussões na psicologia humana, desajustando-a, desequilibrando-a; adquirimos consciência de culpa, sentimentos de culpa, e isso afecta-nos em todas as dimensões da nossa vida. Quando
- alguém sabe que é e se sente culpado diante de Deus, falamos de *pecado*;
 - alguém sabe que é e se sente culpado diante dos homens, falamos de *culpa “moral”, ou de “ética”*;
 - ocorre uma violação de algo fundamental no nosso sistema de valores, surgem a *consciência, ou sentimentos, de culpa*.
38. Por isso, não é bom negar a culpa, como também não é bom favorecer sentimentos de culpa que amplificam e desfiguram a realidade. Perdoar – saber perdoar e saber que se está perdoado – constitui a superação mais radical da culpa, do pecado.
39. A hospitalidade é, antes de mais, a capacidade de a pessoa se abrir e acolher o outro; é também uma reacção contra a violência. Há violência quando existe antagonismo entre nós e quando não somos capazes de viver em paz, de nos encontrarmos reciprocamente, como pessoas. A violência interior faz com que prefiramos o conflito, a luta, a degradação. A violência desencadeia em nós os piores expedientes (os pecados basilares) e estimula a nossa

⁷⁵ Cf. V. A. RIESCO, *La Hospitalidad manifestación del Ser de Dios en favor del hombre. Fundamento bíblico de nuestra espiritualidad*.

agressividade. A violência original não foi a guerra de todos contra todos, mas a hostilidade de uma comunidade humana – família, aldeia, nação, religião, entidade cultural – em relação aos de fora, aos estrangeiros. Quando a violência de espírito se arvora em lei universal, reclama para si o monopólio da civilização e combate a diversidade humana. Há violência quando se rejeita aquele que é diverso.

40. A violência religiosa proclama que “Deus está conosco” e nega a presença de Deus nos que são diferentes de nós. Quem julga que Deus só está do seu lado, torna-se independente dos outros. Esta atitude dá origem ao *egoísmo sagrado*: “para eu ser, é preciso que o outro não seja”. Por isso, a violência sagrada é fundamentalista e homicida em relação aos outros e destrutiva em relação a quem a pratica. Só o acolhimento do próximo, do diverso, só a hospitalidade – a filoxenia em vez da xenofobia! – se opõem à violência.

2. A misericórdia

a) O Deus da misericórdia

41. A característica suprema de Deus, segundo o Antigo Testamento, é a misericórdia; não a violência.⁷⁶ A misericórdia ultrapassa infinitamente a ira: “*num acesso de ira escondi de ti a Minha face; mas no meu eterno amor me compadeci de ti*” (Is 54, 8). O texto paradigmático que exprime a misericórdia, como identidade de Deus, encontra-se numa passagem do Livro do Êxodo:

“O Senhor passou em frente dele, e exclamou: Javé! Javé! Deus misericordioso e clemente, vagaroso em encolerizar-se, cheio de bondade e de fidelidade, que mantém a sua graça até à milésima geração, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não confunde o culpado com o inocente, e pune o crime dos pais nos filhos, e nos filhos dos seus filhos até à quarta geração” (Ex 34, 6-7).

42. Aqui, Deus é proclamado “*raham*”, aquele que tem um amor cheio de carinho, maternal, visceral, um amor que brota do coração. Este amor misericordioso é totalmente gratuito, não é resposta aos méritos, mas, sim, uma experiência do coração. Misericórdia é, então, bondade, ternura, paciência, compreensão, prontidão para perdoar, apesar da infidelidade.
43. A misericórdia de Deus manifesta-se sempre em contextos de violação da Aliança. O povo, consciente da sua infidelidade, recorria à misericórdia de Deus. As infracções da Aliança suscitavam a ira e os ciúmes de Deus; porém, com os profetas (Ezequiel e o Deutero-Isaías), as ameaças transformam-se em anúncios de consolação e em manifestações de misericórdia, em evangelho (boa nova) para os pobres (Is 40; 61).

b) A encarnação da misericórdia

44. Na sua Carta aos Filipenses, S. Paulo diz-nos que Deus “*despojou-Se a si mesmo tomando a condição de servo... feito obediente até à morte e morte de cruz*” (Fil 2, 6-8). O Deus onipotente renunciou à vontade de poder: “*eu estou no meio de vós como aquele que serve*” (Lc 22, 27; cf. Mt 22, 25-28). O Deus onipotente não destrói mecanicamente o mal nem a morte,

⁷⁶ Não é fácil explicar porquê, mas o Deus do Antigo Testamento foi por vezes apresentado com características violentas e até demoníacas. Vislumbra-se, no fundo, a necessidade de explicar o mistério do mal e de afirmar, contra toda a idolatria, que Javé era o único Deus.

mas assume-os. Por isso, perante o sofrimento dos inocentes, ou diante dos episódios absurdos da vida, o nosso Deus apresenta-se como debilidade invencível. E porque Deus se manifesta como fraco, sofre, por isso, com o ser humano. O sofrimento é o pão que Deus partilha connosco. A misericórdia divina é o arrependimento de Deus, a fragilidade de Deus. A debilidade de Deus corresponde à fraqueza do ser humano. O nosso Deus apresenta-se sempre como protagonista do perdão. Perdoando, praticando a misericórdia, é assim que Deus se revela ao ser humano enquanto Deus.

45. O Novo Testamento apresenta-nos Jesus como o grande perdoador, o grande terapeuta do perdão. Nele, faz-se presente toda a misericórdia de Deus. Em algo tão pessoal de Deus como é o acto de perdoar (cf. *Mc* 2, 7; *Lc* 15), Jesus faz as vezes de Deus Pai. Jesus preocupava-se com as pessoas na sua totalidade, descendo até à sua própria interioridade, até ao seu coração, mas sem se limitar ao âmbito da alma, da psique; preocupava-se também com a cura do corpo. “*O próprio Jesus era a terapia que era proporcionada*” (Hanna Wolf). Ao perdoar, Jesus desencadeia na pessoa perdoada um processo de reequilíbrio global. Em Jesus, revela-se a misericórdia, não a violência. A encarnação é o rebaixamento de Deus (kénosis de Deus). É o sinal de que Deus não é violento: ama a debilidade e faz-se débil. Jesus não surge com o carácter absoluto de uma pessoa sagrada; pelo contrário, “*tornou-se semelhante aos homens*” (*Fil* 2, 7), secularizado. Jesus faz-se próximo de todos, sem excepção. A todos ama, porque é o ícone de Deus, e Deus é amor (1 *Jo* 4, 7). Rejeita sem reservas todo o tipo de violência. Jesus apresenta o seu Pai, Abbá, não como perdão, mas como amigo; não como dominador, mas como servidor; afirma que as coisas essenciais não são reveladas aos sábios, mas aos pequeninos (*Mt* 11, 25; *Lc* 10, 21). O fio condutor da história, iniciada por Jesus, é a diminuição das estruturas fortes, a renúncia à violência e ao eficientismo; por isso, recomenda de forma particular o perdão e convida a recomeçar sempre de novo – até setenta vezes sete! (*Mt* 15, 22). Jesus manifesta-se assim como o grande educador que conduz a águas tranquilas e ensina como superar a violência, tanto a que se baseia em razões “sagradas” como em motivos sociais.
46. O hino com que inicia a Carta aos Efésios enfatiza a magnificência de Deus que, em Jesus e por ele, nos concede o perdão dos pecados. Se a gratuidade constitui uma das características que nos revelam como Deus é surpreendente, a misericórdia, de modo particular, faz com que ele esteja próximo de nós e acessível. Ter misericórdia é próprio de Deus. Deus exerce a sua presença entre os homens, perdoando: “*Quem pode perdoar pecados senão só Deus?*” (*Lc* 5,21; *Mc* 2,7). Jesus assume o protagonismo reservado a Deus. A encarnação do Filho de Deus foi a manifestação suprema da Misericórdia. O Abbá é “o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação” (2 *Cor* 1,3); e ainda, “*Deus Pai é rico em misericórdia*” (Ef 2,4).
47. A identificação de Jesus, não só com o ser humano mas também, de modo especial, com quantos têm fome e sede, com os desamparados, os enfermos, os prisioneiros e todos os necessitados (cf. *Mt* 25, 34-45), manifesta até onde chega a misericórdia que ele encarna. O próprio Jesus é – como aqueles com os quais ele se identifica – vítima de violência. Ele não recebe misericórdia e chega mesmo a interrogar-se, na cruz: “*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*” (*Mt* 27, 46). O filho foi, sem dúvida alguma, escutado e a sua oração deu frutos na Ressurreição. Ressuscitou das entranhas do Abbá: “*Tu és o meu filho; eu hoje te gerei*” (cf. *Sal* 2, 7; *Heb* 1, 5). Nasceu para a vida eterna das entranhas misericordiosas do Abbá.

c) A misericórdia no carisma da Ordem

48. A “misericórdia” é o fulcro do carisma e da espiritualidade de João de Deus⁷⁷ e da sua Ordem.⁷⁸ Procuramos ser, na Igreja, uma imagem viva e colectiva da Misericórdia.
- *Ponto de partida*: reconhecemos que somos misericordiosos na medida em que tanto João de Deus como cada um de nós, fomos contemplados pela Misericórdia de Deus e experimentámo-la na nossa vida: “*Se considerássemos como é grande a misericórdia de Deus, nunca deixaríamos de fazer o bem enquanto pudéssemos*”.⁷⁹ Sentimo-nos habilitados e consagrados para ser misericordiosos. “*Desejamos amar a Jesus acima de todas as coisas do mundo e, por seu amor e bondade, queremos praticar o bem e a caridade para com os pobres e os necessitados*”; queremos “*imitar Nossa Senhora, a Virgem Maria, «sempre intacta», reflectindo o seu amor materno*” (Const. 4bc).
 - O nosso *objectivo* espiritual consiste em “*encarnar com profundidade cada vez maior os sentimentos de Cristo para com o homem doente e necessitado e manifestá-lo com gestos de misericórdia*”; “*tornar-nos fracos com o fraco*”, sendo para ele sinal e anúncio da vinda do Reino de Deus” (Const. 3). A nossa resposta vocacional leva-nos a cultivar em nós o amor cada vez mais intenso para com os pobres, os necessitados e os pecadores.
 - O *estilo* que, desde as origens, nos caracteriza, manifesta-se nas seguintes virtudes: “*serviço humilde, paciente e responsável; respeito e fidelidade à pessoa; compreensão, benevolência e abnegação; participação nas suas ansiedades e nas suas esperanças*” (Const. 3b).

3. A Hospitalidade

49. A Ordem exprimiu tradicionalmente o carisma recebido com a palavra “hospitalidade”. Este termo não só não perdeu a sua capacidade expressiva nos dias de hoje, mas é proposto por alguns como uma categoria fundamental da nova moralidade para o nosso tempo.⁸⁰ Por isso, é importante reflectir sobre ela, considerando-a o eixo em volta do qual gira a espiritualidade peculiar da Ordem.

a) O que é a hospitalidade?

50. A hospitalidade fala-nos das relações que se estabelecem entre um hóspede e a pessoa que o acolhe (anfitrião ou anfitriã). Nessas relações, há obrigações e responsabilidades recíprocas. O hóspede e o anfitrião estão numa relação mútua: não existe um sem o outro. O hóspede é

⁷⁷ Assim o exprime repetidamente o Capítulo I (Constituição Fundamental) das Constituições renovadas. Em primeiro lugar, apresentam S. João de Deus como um homem “*transformado interiormente pelo amor misericordioso do Pai, que viveu em perfeita unidade o amor a Deus e ao próximo* (Const. 1); “*imitou fielmente o Salvador nas suas atitudes e gestos de misericórdia..., entregando-se por completo ao serviço dos pobres e dos enfermos*” (Const. 1).

⁷⁸ Em segundo lugar, as Constituições afirmam: “*A Ordem Hospitaleira nasce do evangelho da misericórdia (Mt 8,17; 25,34-46), como o viveu em plenitude S. João de Deus*” (Const. 1); “*pela consagração do Espírito, os Irmãos ficam configurados com Jesus compassivo e misericordioso; participam do amor misericordioso do Pai e mantêm viva no tempo a presença misericordiosa de Jesus de Nazaré*” (Const. 2).

⁷⁹ IDS, 13.

⁸⁰ Cf. DANIEL INNERARITY, *Ética da hospitalidade*, Ed. Península, Barcelona 2001.

um ausente que, em qualquer momento, pode tornar-se presente e reivindicar o seu direito de hospitalidade. Nos casos em que vigoram as leis da hospitalidade, o ausente tem direitos perante o anfitrião (ser acolhido) e o anfitrião, ainda não constituído enquanto tal, tem deveres em relação ao hóspede que se lhe apresenta (acolhê-lo).

51. Não é fácil explicar o motivo que leva os seres humanos a serem hospiteiros. Em todo o caso, a relação de hospitalidade não é automática, pois o hóspede pode ir-se embora, e o anfitrião pode recusar-lhe o acolhimento; mas também não é arbitrária, dado que o anfitrião sente-se moralmente obrigado a receber um hóspede, mesmo que ele se torne impertinente.
52. A característica fundamental da hospitalidade é o acolhimento e o reconhecimento do hóspede por parte do anfitrião; no entanto, esse reconhecimento e acolhimento têm características especiais:
 - A hospitalidade é virtualmente *universal*. Qualquer pessoa pode ser um hóspede; reconhecê-la como hóspede pressupõe que se dê um passo muito importante no sentido do reconhecimento de todos os seres humanos como hóspedes *virtuais*. Qualquer pessoa no mundo tanto pode ser um hóspede como um anfitrião virtual. Em muitas culturas é proibido perguntar ao hóspede qual é o seu nome ou a sua proveniência, como se ele fosse uma representação simbólica do ausente. A protecção do anonimato do hóspede é o sinal de que em cada hóspede vemos qualquer pessoa do mundo. Os nossos deveres para com os visitantes que vêm ao nosso encontro são muito concretos. Mostrar um certo desinteresse por conhecer o seu nome, procedência ou estirpe não significa desprezo; pelo contrário, pressupõe disposição para uma hospitalidade aberta a todo o mundo.
 - A hospitalidade revela um alto sentido da moralidade e da política. O hóspede não é recebido apenas como um determinado indivíduo, mas também como embaixador substituível, como representante de outros; uma vez que os seres humanos constituem grupos, comunidades, sociedades e nações, cada indivíduo está inserido nesses agrupamentos. A hospitalidade confronta-nos, por isso, com algo que tem um significado ético e político notável: o acolhimento do estranho, do outro, daquele que não pertence “aos meus”. A hospitalidade é reconhecimento “dos diferentes”: aceitamos que o hóspede seja diferente de nós. Damos-lhe liberdade para discordar de nós.
 - A hospitalidade é virtualmente *sagrada*. Na cultura de muitos povos, sente-se que esse “outro”, que é o hóspede, está revestido de mistério. Está envolvido por um certo carácter sagrado. O hóspede pode ser um deus. A hospedagem dos deuses é um tema que surge muitas vezes na mitologia grega, na Bíblia e na tradição de muitas culturas diferentes umas das outras. Os deuses – é comum dizer-se – assumem frequentemente formas irreconhecíveis e pedem ajuda aos seres humanos. A Carta de S. Paulo aos Hebreus recorda-nos que alguns tinham dado hospitalidade a anjos, sem o saberem (Heb 13, 2). Deste modo, sanciona-se religiosamente o direito de hospitalidade: é preciso que nos comportemos com os estranhos como se tratasse da visita de um deus. A figura do hóspede está coberta por uma ambiguidade que a apresenta como um lugar incerto, no qual se põe em jogo para nós algo que é importante. É, ao mesmo tempo, um lugar de temor e desejo. O hóspede torna-se símbolo de mediação entre duas esferas diferentes. No acolhimento do hóspede, verifica-se um encontro entre seres de ordens diversas: o divino, o distante, o ilimitado e inconcebível, são acolhidos num âmbito humano. Por vezes, este encontro tem o carácter de uma irrupção violenta que destrói a ordem acostuada e desestabiliza o espaço familiar; em qualquer caso, acontece sempre algo imponderável e desconcertante.

- A hospitalidade é um *acontecimento*. É imprevisível e incontrolável. Não sabemos quando ela terá lugar, nem conhecemos a pessoa que será nosso hóspede. O anfitrião está sempre preparado porque, no momento mais imprevisto, o Hóspede pode bater à porta.
- Cada encontro de hospitalidade é *único* e implica a atenção a dar a uma *pessoa concreta*; tem de ser realizado e interpretado segundo as características das pessoas que exercem as funções de hóspede ou de anfitrião. Os deveres do hóspede e do anfitrião são gerais, mas são levadas a cabo no âmbito de um horizonte limitado e finito. Uma pessoa pode estar disposta a cumprir as obrigações que a atenção impõe em todos os momentos, independentemente das suas peculiaridades, em virtude do facto de ele pertencer ao género humano; mas estas exigências não se tornam presentes a não ser na forma de um ser particular. Um anfitrião que estivesse à espera de um hóspede universal, que fosse o único capaz de merecer verdadeiramente a sua atenção, e rejeitasse acolher todos os visitantes que batessem à sua porta, por nenhum deles realizar plenamente a condição humana, estaria a negar o acontecer da hospitalidade.

b) A hospitalidade na Revelação

53. A revelação judaico-cristã é particularmente sensível ao acontecimento da hospitalidade.⁸¹ Começa por narrar como Deus acolheu o ser humano no seu jardim: trabalhou para o seu hóspede (“*fez desabrochar da terra toda a espécie de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer*”), ofereceu-lhe alimento e vestuário (“*podes comer do fruto de todas as árvores do jardim... Fez a Adão e à sua mulher umas túnicas de peles e vestiu-os*”) (Gn 2,8-9, 15-17; 3, 21). A Revelação termina referindo como Deus pede hospedagem ao ser humano: “*Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo*” (Ap 3, 20).
54. A hospitalidade tornou os seres humanos hóspedes de Deus, tornou Deus hóspede dos seres humanos, e estes, hóspedes entre si. Adão e Eva foram hóspedes de Deus no seu jardim do Éden. Abraão e, depois, o povo que viveu no Egipto, foram levados para a terra onde corre leite e mel e ali foram hóspedes de Deus: “*Nenhuma terra será vendida definitivamente, porque a terra pertence-me, e vós sois apenas estrangeiros e hóspedes na minha casa*” (Lv 25, 23; cf. Sl 23, 5; 27, 10). Deus foi hóspede de Abraão e hospedou-se debaixo da sua tenda no azinhal de Mambré; depois, foi hóspede do povo que atravessava o deserto, habitando na tenda do encontro. Finalmente, aceitou habitar na casa do Templo: “*...a glória do Senhor enchia o templo do Senhor*” (1 Rs 8,10-11). A hospitalidade abriu os olhos dos seres humanos para que eles se vissem e reconhecessem como hóspedes entre si. Abraão e Moisés sentiam-se forasteiros em terra estrangeira. E o mesmo sucedeu com o povo no Egipto. Compreenderam assim que o ser humano se realiza num contexto de hospitalidade.
55. Hospitalidade significa acolher cada um no seio materno: é a hospitalidade recebida e oferecida em tendas, casas, cidades ou países. A hospitalidade não se entendia em termos de simples acolhimento do hóspede; implicava a “inclusão” do hóspede no âmbito do próprio círculo de interesses, a sua tutela contra os inimigos, a sua protecção, o seu respeito existencial profundo, o cuidado da sua pessoa perante todas as eventuais necessidades.
56. Foram ícones de hospitalidade, no Antigo Testamento, Abraão, que acolheu os três homens, a viúva de Sarepta e Elias, em hospitalidade recíproca, a prostituta de Jericó, Rahab, que acolheu os enviados de Josué, o ancião que acolheu o levita e a sua esposa (Jz 19), Tobias, o arcanjo Rafael e Rute.

⁸¹ Cf. N. B. PAGADUT, *Be hospitable*, Claretian Publications, Quezon City, Philippines 1992.

57. O Novo Testamento é a grande explosão da hospitalidade, levada ao seu máximo grau. Jesus é o sacramento de Deus que nos acolhe, que nos serve e cura, que restaura a nossa dignidade e a nossa saúde, que se identifica connosco, que nos lava os pés e morre por nós. Vale a pena, por exemplo, contemplar a figura de Jesus no evangelho de Lucas, como um autêntico caminho de hospitalidade. Também Jesus acolhe a hospitalidade dos seres humanos: a hospitalidade de Maria no seu seio, de alguns fariseus, de Marta e Maria, de Zaqueu, etc. A espiritualidade cristã valoriza a tal ponto a hospitalidade que reconhece a presença de Jesus nos pobres, nos presos, nos enfermos, em todos aqueles seres humanos que precisam da nossa solidariedade, do nosso amor e serviço.
58. A grande metáfora cristã da hospitalidade é a parábola do Bom Samaritano. À pergunta do jurista – *quem é o meu próximo?* –, Jesus responde narrando a parábola. Alguém poderia supor que o próximo era aquele que tinha caído nas mãos dos bandidos, a pessoa necessitada. Mas Jesus desvia a questão do jurista e pergunta-lhe de novo: “*Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?*” (Lc 10, 36). Para Jesus, o importante não é a existência de próximos, não é haver pessoas que conhecem as necessidades dos outros, mas o facto de uma pessoa poder adquirir o estatuto de próximo, exercendo a misericórdia para com os necessitados. Por isso, o jurista não deve preocupar-se em procurar pessoas necessitadas, mas em tornar-se próximo e exercer a misericórdia, como o Samaritano. Na parábola, hospitalidade e misericórdia identificam-se

c) A hospitalidade no nosso Pai, S. João de Deus

59. João de Deus fez da sua vida um projecto, um caminho de hospitalidade misericordiosa. Mas, dentro dessa grande proposta antropológica e bíblica, ele sentiu-se chamado a enaltecer na sua vida a hospitalidade relativamente aos mais pobres, aos mais arruinados de entre os seres humanos, os deficientes físicos e psíquicos, sem qualquer tipo de exclusão ou discriminação. Para João de Deus, a hospitalidade, assim entendida, constituiu a razão de ser da sua vida. Foi esse o carisma que ele recebeu com uma intensidade impressionante e, por vezes, incompreensível. Acolheu a todos, foi ao encontro do outro. Deu-lhes tudo quanto tinha. Identificou-se com o outro. Dedicou-lhe o seu tempo. Descobriu o carácter sagrado do estranho.
60. O seu estilo de hospitalidade consistia em acolher e servir o doente como a um irmão e próximo. O seu principal cuidado era consolar a sério e garantir aos seus doentes o que lhes era necessário: “*consolava-os com palavras e provia-os do necessário, logo de manhã, antes de sair... e à noite nunca se recolhia sem primeiro visitar todos os enfermos, um por um, e sem lhes perguntar como tinham passado, como estavam, de que precisavam, e, com palavras muito amoráveis, confortava-os, espiritual e corporalmente*”.⁸² Amar o Senhor nos pobres e nos enfermos dava-lhe uma alegria que não conseguia dissimular.⁸³

⁸² CASTRO, Cap XII, p. 79; Cap. XIV, p. 87-88.

⁸³ ... e um dia, recorda esta testemunha, entrou na sua cozinha e encontrou-o muito alegre e batendo com a palma de uma das mãos no reverso da outra e cantando um hino sagrado. E esta testemunha chegou e comentou: “*Parece que está contente, senhor padre...!*” E ele retorquiu: “*Quem serve a Deus, que anda alegre*” (Test. 30. In GÓMEZ MORENO, *op. cit.*, p. 214).

Muitas vezes foi lá e via-o andar entre os enfermos, vestindo-os, mudando-os de um lado para outro e voltando a deitá-los na cama, abraçando-se a eles, com uma cara de riso e com tanto amor e caridade que era uma coisa admirável, que até parecia querer meter todos os doentes no seu coração. (Test. 59. In GÓMEZ MORENO, *op. cit.*, p. 231-232).

61. A caridade de João foi extremamente criativa. Demonstra-o bem claramente uma das descrições que ele mesmo faz do seu hospital: “*como esta casa é geral, nela se recebe toda a espécie de doentes e toda a classe de pessoas, de modo que há aqui tolhidos, aleijados, leprosos, mudos, loucos, paráliticos, tinhosos, e outros muito velhos e muitos meninos; e, afora estes, muitos outros peregrinos e viajantes que aqui acodem*”.⁸⁴ Tinha-o demonstrado com a sua maneira de pedir, que transformou em apostolado, recordando a quem dava que o primeiro benefício da esmola recaia sobre quem a dá. João de Deus não excluiu ninguém do seu amor sem limites. Um amor que, tanto quando se centrava nos pobres como nos ricos, tinha a sua origem no amor de Jesus Cristo e em Jesus Cristo, em quem a todos amou como a irmãos e irmãs.
62. A identificação com Cristo fez de João de Deus um bom mestre de misericórdia: Deus concedeu-lhe um coração compassivo e profundamente humano. Como Jesus, ensinou mais com as obras do que com as palavras. Não se preocupou com a elaboração de estatutos ou regulamentos; limitou-se a viver o dom que o animava, a fazer o bem, a orar por longas horas durante a noite, a visitar um por um os doentes e a escutar a todos com *muito grande paciência*, consolando e dando a cada um segundo as suas necessidades e possibilidades. Como Jesus, viveu, amou e serviu consagrando a vida por todos; como Jesus, ditou um só mandamento que tudo iluminaria quando, mais tarde, viesse a ser necessário estabelecer normas que ajudassem a manter vivo o seu espírito nas pessoas e nas obras da Ordem.⁸⁵ Os Irmãos que seguiram o seu estilo de vida aprenderam dele a acolher, a servir e a amar os pobres doentes com os gestos que o viram praticar e que logo recolheram nas Constituições da Ordem, para perpetuar o modelo de hospitalidade herdado do Fundador:

“Procurar-se-á em nossos Hospitais que o serviço que se fizer ao Senhor nos seus pobres lhe seja agradável, para o que (...) antes de os deitarem na cama, com a caridade que se requer, lhes serão lavados o cabelo e as unhas, não sendo prejudicial à saúde, e também lhes lavarão as mãos e os pés e, conforme a necessidade, todo o corpo, com água quente temperada para o efeito; e feito isto, serão vestidos com uma camisa limpa e ser-lhes-á posta uma touca ou um pano na cabeça e, limpo desta forma o doente, será deitado na cama, a qual estará feita com lençóis e almofadas limpos; e, se for Inverno, serão aquecidos e, desta maneira lhes serão aplicados os remédios corporais”.⁸⁶

d) A Hospitalidade nas Constituições e nas obras escritas da Ordem

63. A razão de ser da vocação do Irmão de S. João de Deus é manter “*viva no tempo a presença misericordiosa de Jesus de Nazaré*”, encarnando “*com profundidade cada vez maior os sentimentos de Cristo para com o homem doente e necessitado*”, para manifestar que ele “*permanece vivo entre os homens*”.⁸⁷ Jesus de Nazaré é a “*fonte e a coroa*” da nossa espiritualidade.⁸⁸ O Irmão tem uma missão e um ministério completamente peculiares: representar Jesus no serviço prestado aos enfermos, no acolhimento aos pobres e abandonados. Jesus transmitia a paz do Reino àqueles que estavam cansados e angustiados, a

⁸⁴ 2GL 5.

⁸⁵ *Amái a Nosso Senhor Jesus Cristo sobre todas as coisas do mundo, pois, por muito que O ameis, muito mais vos ama Ele. Tende sempre caridade, porque onde não há caridade não há Deus, embora Ele esteja em todo o lugar* (LB 15).

⁸⁶ Const. 1587, Cap. 17. *op. cit.*, p. 95.

⁸⁷ Const. 2c; 3a; 5a.

⁸⁸ Cf. *Gaudium et Spes*, 22; Const. 20.

libertação a quantos se sentiam oprimidos pelo mal e pelas enfermidades, a serenidade a quantos se encontravam perturbados.

64. O objectivo do texto das Constituições é oferecer uma referência de espiritualidade nova para a Ordem em novos tempos. A Ordem considera que, sem conversão e um sério compromisso espiritual, não pode levar por diante a renovação pedida pelo Concílio.⁸⁹ No seu processo de renovação, a Ordem colocou a si própria diversas opções, nomeadamente:
- *A humanização da assistência*: a primeira finalidade da Ordem consiste em defender a dignidade do ser humano doente (Const. 10d; 12c; 23a; 28b; 43d).⁹⁰ O apostolado hospitaleiro identifica-se deste modo com a humanização. Ao mesmo tempo, descobre-se a necessidade de humanizar a vida religiosa e de potenciar os aspectos humanizantes nos Irmãos: “curar-se a si mesmos, enquanto curam os outros”. Se não prestarmos atenção à dimensão humana, perdemos o sentido próprio do carisma: o de sermos servos da hospitalidade.
 - *Objectivo da vocação hospitaleira* é estabelecer uma Aliança com o ser humano que sofre, como forma de exprimir carismaticamente a Aliança com Deus.
 - Consiste, além disso, em criar laços de *fraternidade*. João de Deus sentiu-se *irmão de todos*: desde os mais pobres até ao Príncipe Filipe.⁹¹ Criar laços de fraternidade é uma peculiaridade que deve caracterizar o Irmão, a começar por sentir-se irmão de quem sofre e de quantos partilham com ele o ministério da hospitalidade (Const. 45b; 46b.c; 23) – funcionários, voluntários e benfeitores – com os quais é chamado a viver uma Aliança em favor do serviço e da promoção da vida.⁹²
 - A hospitalidade deve ser compreendida abrangendo a *opção preferencial pelos pobres e a humanização* (Const. 5a)⁹³ do serviço ao doente e aos necessitados em geral.

⁸⁹ “A renovação tem aspectos fundamentais: em primeiro lugar, trata-se de eliminar as deficiências da nossa vida e de derrubar as barreiras que forem um obstáculo para a nossa comunhão fraterna; em segundo lugar, esforçar-se por descobrir também os nossos “pontos fortes”, que ajudem a alcançar uma união semelhante à que existe entre o Pai e o Filho”. (P. MARCHESI, *Bases de uma renovação*, Roma, 1978, p. 18).

⁹⁰ “...temos consciência de que as necessidades fundamentais do homem não são de ordem material; antes de mais, o homem precisa de ser reconhecido como pessoa digna enquanto tal: digna de receber cuidados, atenções e amor, para além das diferenças culturais, institucionais, sociais, religiosas, raciais, etc.”. (P. MARCHESI, *A Humanização*, Roma 1981).

⁹¹ *Chegado que foi à Corte, o Conde de Tendilla e outros senhores, que o conheciam, deram informes dele ao Rei, pon-do-o ao corrente das suas coisas, e introduzindo-o no palácio. Aí lhe falou João de Deus, começando por dizer: “Senhor, eu costume chamar a todos irmãos em Jesus Cristo.* (CASTRO, Cap. XVI, p. 99).

⁹² Cf. ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS, *Irmãos e Colaboradores, unidos para servir e promover a vida*.

⁹³ Nos anos oitenta, sob a influência e no espírito do movimento de humanização, a Ordem tentou organizar a sua missão em favor das antigas e novas necessidades da humanidade. É interessante recordar como a Assembleia dos Provinciais, realizada em 1981, encerrou os seus trabalhos: “A nossa Assembleia reafirma a sua esperança e o seu compromisso na renovação contínua da Ordem. Estamos convictos de que esta só se pode conseguir se todos nós, os membros do Instituto, vivermos em constante atitude de conversão às exigências implícitas na nossa consagração a Deus, como religiosos hospitaleiros, e nos esforçarmos por traduzir as atitudes em respostas concretas às esperanças que a Igreja e a sociedade depositaram em nós. Tendo em conta que o mundo está a viver um momento importante da sua história, na qual os valores fundamentais da pessoa são, ao mesmo tempo, reivindicados e violados, **assumimos o compromisso particular que o carisma da Ordem comporta, como urgência a defender e promover o respeito pela dignidade humana.** Isto fez amadurecer em nós a convicção de que a Humanização, entendida no sentido que adquire na pessoa de Jesus de Nazaré, constitui, neste momento histórico em que vivemos, **o vínculo unificante e integrador que nos pode ajudar a traduzir em factos concretos o processo de renovação**”. (P. MARCHESI, *op. cit.*, p. 91-92).

4. Repensar a Misericórdia e a Hospitalidade no nosso tempo: a relação com o estranho

a) A relação com “o estranho”

65. Os fenómenos da hospitalidade e da misericórdia falam-nos da relação do ser humano com o próximo e com “o estranho”. Essa realidade estranha pode ser o amigo (comunhão!) ou o inimigo (hostilidade!), o estrangeiro que nos assusta, o nosso próprio corpo como um cenário do padecer, ou a alienação dos resultados das nossas próprias acções (cf. *Rom 7*). O encontro com o “outro”, o “amigo”, o “inimigo”, o “estrangeiro”, o “estranho”, pode provocar reacções muito diferentes: alegria, acolhimento, solidariedade, irritação, medo, curiosidade, interesse pelo exótico. O que nos é desconhecido no outro produz medo; surge simultaneamente como ameaçador e fascinante: ameaça, porque entra em competitividade com o próprio; fascina, porque o estranho desperta possibilidades até então desconhecidas na própria vida.
66. O estranho é sempre aquele que surge *fora do âmbito próprio, do próprio espaço*, o que pertence a outro. É aquele que se nos opõe, o incompreensível, o insólito, o heterogéneo, o não disponível. A realidade parece ser estranha quando está relacionada com “o meu”, com “o próprio”; para que algo possa ser definido como estranho, ou próprio, é necessário que se reconheça a relação existente entre ambos os termos; por isso, o estranho é tal, quando, em certa medida, nos pertence; reconhecemos o próprio a partir do estranho, e o estranho, a partir do que é próprio. Por isso, o hóspede não é o viandante que aparece e logo se vai embora, mas o viandante que chega e permanece; que fica, embora temporariamente. O hóspede ocupa um espaço de fronteira. O mesmo se diga do anfitrião que espera por ele. O espaço que ambos eles ocupam não é o seu próprio.
67. O estranho é também, e acima de tudo, aquele que surge *fora do nosso próprio tempo*. Cada pessoa vive “o seu” tempo. Podemos falar dos outros como de “outros tempos”, de outros ritmos. Conviver significa, por isso, calcular tempos e ritmos, harmonizar o tempo dos outros com o meu próprio tempo. A hospitalidade torna-se uma questão estreitamente vinculada ao respeito do tempo dos outros, e não tanto, ou não só, ao respeito pelos seus âmbitos espaciais. Considerado na sua própria temporalidade, o outro é geralmente um importuno, alguém que, causando incómodo, tende a adiantar-se ou a atrasar-se. Os outros são os mais lentos ou os mais rápidos que nós, os que habitam uma temporalidade que, seja por que razões for, nos são estranhos ou nos parecem incómodos. Verdadeiramente estranho não é aquele que vive longe de nós, mas os que vivem noutra tempo. O marginalizado não está na periferia do espacial, mas vive literalmente noutra tempo. Por isso, a hospitalidade tem muito a ver com a capacidade de “perder tempo”, ou de “dedicar o próprio tempo”.
68. O estranho – seja espacial, seja temporal – é sempre *aquele que nos interpela*, aquele que se nos depara de forma imprevisível, inesgotável. Requer a nossa resposta. Não responder ao estranho é também uma maneira de lhe responder: neutralizamos assim as perguntas futuras, protegemo-nos contra um futuro imprevisível. O estranho pode pôr em crise a nossa própria identidade. Nisso reside a sua beleza e o seu perigo. A experiência cultural do estranho pressupõe sempre um confronto com as possíveis alternativas da nossa vida e implica uma provação para nós mesmos. O estranho é uma reserva que nos permite enriquecer e corrigir a limitação das nossas posições. Durkheim dizia – neste sentido – que a qualidade moral de

uma cultura mede-se pela sua relação com o estranho. Aquilo a que respondemos ultrapassa sempre aquilo que oferecemos como resposta.

b) Aprendizagem da hospitalidade e da misericórdia

69. A hospitalidade, assim entendida, e a misericórdia, como amor e não como violência, revelam-nos verdades fundamentais do ser humano. A pessoa descobre-se a si mesma quando vai ao encontro das outras pessoas. A descoberta de si mesmo é um acto inter-subjectivo. Conhecemos os nossos direitos e deveres na medida em que formos ao encontro do outro. Reconhecer-se como hóspede, ou como anfitrião, como quem é acolhido ou como quem oferece hospitalidade, significa descobrir uma identidade que dá origem a obrigações e responsabilidades. Os indivíduos constituem-se como pessoas apenas através da perspectiva aprovadora ou recriminatória de outros.
70. É sábio aquele aforismo de Merleau-Ponty que diz: *“devemos aprender a considerar o próprio como estranho e o estranho como próprio”*. Isso só se consegue aprendendo a exercer um tipo de hospitalidade e de misericórdia que não seja avassaladora, nem indiferente, que seja capaz de conviver com o heterogéneo e que saiba desculpar as contingências, próprias e alheias. Aprende-se a hospitalidade e a misericórdia acostumando-se a interessar-se pelo outro, a respeitá-lo, e procurando assumir as suas peculiaridades.

c) Em missão de misericórdia e hospitalidade, “hoje”

71. Nas actuais condições de vida, a mobilidade humana tornou-se muito fácil e a experiência do outro é cada vez mais frequente na vida das pessoas. A vaga de imigrações e emigrações tornou-se avassaladora. Vivemos na sociedade do movimento, da globalização. Vivemos em sociedades multiculturais, que nos fazem descobrir e sentir o pluralismo. É-nos pedida tolerância para com o diverso, o outro, o estranho. Esta situação faz-nos ver que já não há blocos compactos, homogéneos, que deixou de haver realidades totalmente definidas e delimitadas; surpreendemo-nos ao constatar que o próprio se torna estranho e o que inicialmente era estranho, diverso, passa para o âmbito próprio. As sociedades complexas exigem uma maior sensibilidade para responder às exclusões que a afirmação exagerada da identidade ou qualquer outra ordem social originam. Na sociedade contemporânea verifica-se uma perda de gravidade dos sujeitos, que ficam menos vinculados do que antes ao peso de um território; são menos controláveis; vivem mais livres e interdependentes. Encontramo-nos num cenário em que faz pouco sentido insistir na identidade como se ela fosse algo definido e definitivo. Hoje, aceitamos mais facilmente falar de “identidade complexa” (Amin Maalouf). É a partir do estranho que se compreende melhor o que é próprio.
72. São sobejamente conhecidas as situações perversas do mundo de hoje. O número de pobres e de pessoas marginalizadas não só não diminui como não pára de crescer, apesar das novas tecnologias e dos processos de globalização. A concepção sagrada do ser humano cede o lugar perante os ídolos diante dos quais se prostram as sociedades modernas, prestando-lhes culto. A educação que a sociedade (meios de comunicação, ambiente socio-económico) oferece às novas gerações não enaltece o valor da hospitalidade, mas, antes, privilegia o individualismo, uma visão materialista e hedonística da vida. Esta mentalidade não detém – nem está preparada para isso – fenómenos perversos, como o consumo e o tráfico de drogas, a pornografia e a desordem na esfera do amor humano, com a consequente perda de dignidade da sexualidade humana, o crescimento da pobreza e da injustiça, o surgir de tantas e novas doenças que afligem milhões de seres humanos. À degradação da humanidade acrescentam-se

a degradação ecológica – água (zonas costeiras, recursos marinhos devido às actividades industriais mineiras), poluição do ar (indústrias têxteis, alimentares ou de bebidas, refinarias petrolíferas...), manipulação genética – e a degradação ambiental (pilhagem da natureza, esgotamento dos recursos, ameaça de desequilíbrio ecológico).

73. A nossa capacidade de hospitalidade é fortemente desafiada pelo fenómeno da explosão demográfica. Todos os dias nascem no mundo mais 220.000 pessoas. O rápido crescimento da população faz surgir novos desafios; desenraizamento das famílias, urbanização, exploração insustentável dos recursos disponíveis e acessíveis para satisfazer as grandes necessidades da população. Em muitos lugares e em muitas pessoas, parece ter-se perdido o sentido da sacralidade da vida: guerras fratricidas, violência contra as mulheres indefesas, exploração de crianças inocentes, capitalismo desumano que alarga cada vez mais o fosso cavado entre ricos e pobres. Há um grande desnível entre os cerca de 30% de seres humanos que vivem na opulência material e os 70% que estão condenados a manter-se na pobreza, privados dos bens indispensáveis para as suas necessidades básicas; as culturas dos pobres estão também ameaçadas pela falta de recursos e pela sedução de modelos de desenvolvimento material que lhes são alheios.
74. As atitudes de acolhimento e reconhecimento, de serviço e de solidariedade (hospitalidade!) dos nossos contemporâneos revelam todo o seu esplendor em múltiplas instituições e iniciativas: diversas formas de voluntariado, ONGs, instituições sociais de todo o tipo, exércitos de paz, movimentos a favor da justiça, da ecologia, da dignidade humana, rejeição de todo o tipo de xenofobia, etc. Há igualmente muitos povos na Terra que conservam as suas preciosas tradições de hospitalidade como um valor inestimável. É verdade, por outro lado, que, nestes povos, o valor da hospitalidade tem vindo a diminuir em benefício de um outro valor – ainda mais fundamental – a segurança; a insegurança provocada pela violência, por guerras, pela criminalidade organizada, pelo terrorismo, tornou-se um fenómeno tão ameaçador que os valores tradicionais da hospitalidade se vêem fortemente afectados. Dentro de todo esse emaranhado de graça está presente, com toda a sua tradição, a Ordem dos Irmãos de S. João de Deus. Ela pretende estar à altura dos tempos e responder com novo vigor à sua vocação específica, oferecendo âmbitos em que a organização, o profissionalismo a técnica e a humanização se conjuguem e harmonizem com atitudes e gestos de acolhimento, de serviço, de solidariedade e de eliminação do sofrimento, físico e moral.

III. O ITINERÁRIO ESPIRITUAL

PERCORRER “HOJE” O CAMINHO DE JOÃO DE DEUS

1. A espiritualidade, hoje

75. Há na Igreja – e também no mundo de hoje! – uma profunda sede de espiritualidade. Perante a falta de sentido, do aumento de problemas que parecem irresolúveis, da vertigem da era do movimento, todos sentimos necessidade de uma ligação ao Mistério, de uma conexão ao Espírito que dê estabilidade e razão de ser. Estamos sedentos de espiritualidade. A própria Igreja canalizou esta sede através de diversas propostas de espiritualidade.
76. Assistimos hoje a uma espécie de globalização, ou mundialização, da espiritualidade. O diálogo inter-religioso produziu resultados maravilhosos neste campo. Mas, ao mesmo tempo, está a ser reivindicado o carácter mais local da espiritualidade. Por isso, está a esboçar-se uma espiritualidade com características africanas, ou asiáticas, americanas ou europeias... No começo de um novo século, entendemos a espiritualidade de uma forma mais integral. A espiritualidade tem que ver com o corpo e com a alma, com a pessoa individualmente considerada e com a sociedade, com o local e com o mundial, com o religioso, em particular, e com o religioso ecuménico... O mesmo acontece com a nossa Ordem. Existe nela uma espiritualidade globalizada, que responde ao dom recebido, mas, ao mesmo tempo, a nossa espiritualidade peculiar adquire traços característicos e locais nas diferentes regiões do mundo.
77. Entendemos a espiritualidade como processo, caminho. Nela, distinguimos etapas. As nossas Constituições apontam-nos metas. Torna-se necessário descobrir o caminho para as alcançar, encontrar o método de espiritualidade mais adequado. O Espírito é o nosso “mestre interior”: conduz-nos à perfeição do Amor, da Aliança, da união com Deus, com os outros e com o cosmos. Nesta vida, nunca chegaremos à meta e, por isso, são eloquentes as palavras que Gregório de Nisa escreveu na sua “Vida de Moisés”:

“Interromper a corrida rumo à virtude é o princípio da corrida para o vício... Tudo o que está circunscrito dentro de limites não é virtude... O apóstolo, correndo sempre pelo caminho da virtude, nunca deixou de seguir em frente, pois parecia-lhe perigoso deter-se na corrida... Talvez a perfeição da natureza humana consista em estar sempre dispostos a alcançar um bem maior”.

78. A Igreja apresenta aos religiosos esta mesma perspectiva na Instrução “Partir de Cristo” (da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica), onde constata que:

“É, precisamente, no simples quotidiano que a vida consagrada cresce, em progressivo amadurecimento, a fim de se tornar anúncio de um modo de viver alternativo aos do mundo e da cultura dominante... Além da presença activa de novas gerações de pessoas consagradas, que tornam viva a presença de Cristo no mundo, bem como o esplendor dos carismas eclesiais, é igualmente significativa, de modo particular, a presença escondida e fecunda de consagrados e consagradas que conhecem a velhice, a solidão, a doença e o sofrimento. Ao serviço que já prestaram e à sabedoria que podem ainda partilhar com os demais, acrescentam eles a própria e preciosa contribuição, unindo-se com a sua

oblação ao Cristo sofredor e glorificado, em favor de seu Corpo que é a Igreja”
(Cf. Cl 1, 24; *Partir de Cristo*, 6).⁹⁴

2. O paradigma, ou modelo, do nosso caminho espiritual

79. “A nossa hospitalidade tem a sua origem na vida de Jesus de Nazaré” (Const. 20), a quem imitou fielmente o nosso Fundador, entregando-se inteiramente ao serviço dos pobres e dos doentes (Const. 1a). Então, *João de Deus somos nós*: partilhamos os seus dons, a sua fé, a sua sensibilidade perante o sofrimento humano, a sua entrega incondicional no serviço, a sua humildade e criatividade caritativa.⁹⁵ O seu itinerário espiritual é a proposta pedagógica que o Espírito Santo nos oferece para desenvolvermos em nós o carisma da hospitalidade. Também nós, como ele, somos pessoas em caminho, viandantes e peregrinos no meio de um mundo globalizado e enormemente complexo. A sua peregrinação interior, a sua caminhada espiritual até ao rebaixamento mais profundo, até à miséria humana, são para nós a melhor proposta de espiritualidade, de missão e de comunhão (Const. 5): são uma casa e uma escola de espiritualidade!
80. As etapas que João de Deus percorreu – “*esvaziamento, chamamento, alteração, identificação*” – indicam-nos também as etapas do nosso caminho. Entendemo-las, não como etapas lineares e sucessivas, mas em espiral, pois reproduzem-se em cada uma das épocas da nossa vida. João de Deus torna-se para nós o símbolo de um caminho que nos conduz ao esvaziamento (kénosis) progressivo de nós mesmos e, deste esvaziamento, ao serviço até à morte (cf. *Fl 2*, 6-11).

a) Experiências do esvaziamento: desinstalar-se para “nascido de novo”

81. Em qualquer itinerário parte-se de um lugar para se chegar a outro. A saída implica o desinstalar-se: aquele que era o nosso estado de vida normal, o nosso território vital, começa por perder sentido. Sentimo-nos como se fôssemos estrangeiros na nossa própria casa. Assim começa o processo que caracteriza o início de um caminho, que, muitas vezes, nem sequer sabemos até onde nos conduzirá. Somos João de Deus e, como ele, sentimos a vacuidade das coisas deste mundo; como ele, fazemos a experiência de nos desinstalarmos.
82. Esta experiência está magistralmente plasmada na figura bíblica de Moisés e do Povo de Israel. Num primeiro momento, Moisés encarava a vida com a sabedoria dos egípcios. A pouco e pouco, após um longo percurso que o levou a atravessar o deserto, descobriu que quem conduzia a sua vida e a do Povo era Javé. Renunciou por isso às seguranças imediatas e aos falsos deuses, e aceitou na sua vida a iniciativa do Deus único que obriga a levantar a tenda, a caminhar vencendo obstáculos e barreiras: barreiras mentais e sentimentos (medo, tendência ao desalento, recusa do esforço que exige a conquista do futuro prometido), que são mais fortes e violentas do que o deserto e os rios.

⁹⁴ Cf. também o n.10, onde se pode ler: “*Este é um tempo no qual o Espírito irrompe, abrindo novas possibilidades. A dimensão carismática das diversas formas de vida consagrada, embora sempre em processo e jamais terminada, prepara na Igreja, em sinergia com o Paráclito, o advento d'Aquele que é já o futuro da humanidade em caminho. Ver também os números 18, 21 e seg. Recordemos que este documento tem subjacente a imagem do “caminho”.*”

⁹⁵ Cf. GOVERNO GERAL DA ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS, *João de Deus Continua Vivo*, Mem Martins, 1991, p. 16-17.

83. O caminho espiritual começa por uma primeira experiência da limitação do mundo, da vida. Apercebemo-nos, por graça de Deus, do carácter contingente de tudo quanto existe – nada do que vemos é absolutamente necessário! Uma pessoa procura o sentido da vida, da história, e só encontra respostas parciais ou contraditórias. Aquilo que parece ser mais promissor acaba, afinal, por nos desiludir. As carências afectivas, a frustração, as decepções e os fracassos (família, amizades, estudo, projectos...), induzem-nos a colocar a questão da consistência dos valores que predominam na sociedade e a procurar aqueles que podem dar sentido à vida. Mesmo os maiores êxitos se podem tornar insuficientes para preencher o desassossego e os anseios do coração humano: “fizeste-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não repousar em Vós” (S. Agostinho). E, acima de tudo, Jesus adverte: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, perdendo-se ou condenando-se a si mesmo?” (Lc 9, 25). A experiência do chamamento, da vocação, costuma ser o primeiro passo no caminho para mudar de vida. A voz de Deus é poderosa e apaga outras vozes; convida a ir “mais além” e suscita a nostalgia de algo definido.
84. Em diversas ocasiões, ao longo da vida, emerge, ou pode emergir esta experiência. São aqueles momentos em que sentimos a necessidade de “nascer de novo”, porque se verificaram grandes insucessos, interiores ou exteriores. Costumam ser momentos caóticos, na vida, experiências de morte, que parecem “vedar” qualquer saída com futuro. A experiência do vazio pode conduzir ao desânimo, à aceitação passiva da realidade, a deixar-nos levar pela vida, em vez de sermos nós a conduzi-la e a vivê-la; também pode ser um sinal e um alarme que nos permita agarrar a própria existência com ambas as mãos e deixar que se repercutam na alma as questões e os estímulos que, apesar de silenciados, estavam vivos.⁹⁶ A experiência do vazio, se for acolhida, se lhe opusermos resistência, se não for superficialmente mitigada, permitirá a graça de um recriação e restauração interiores.
85. Corresponde esta etapa ao que Teresa de Jesus denomina as duas primeiras moradas, ou àquilo que João da Cruz denominava o início da subida ao monte Carmelo. S. João de Deus descreve-as como uma experiência de morte inserida num mundo de morte e sem saída. Corresponde também aos primeiros passos na vida espiritual que João de Ávila – mestre espiritual do nosso Fundador – descreve como a etapa do desligar-se (*des-escuta*) da linguagem do mundo, demónio e carne (*Audi, filia*, I A).

b) “Chamamento” e chamamentos ao longo da vida: “Escuta, ó filho!”

86. Quando uma pessoa renuncia a viver a partir de si mesma, descobre um desígnio misterioso sobre a sua própria vida. Então, é capaz de escutar a voz de Deus e de experimentar a energia do Espírito que a conduz e guia para “o desconhecido”. A experiência vocacional foi comparada a uma “sedução”, ou a uma “atração irresistível”. Jesus, o Filho de Deus, vem ao nosso encontro, corta-nos o caminho e convida-nos a mudar de direcção e a segui-lo.
87. O *chamamento* acontece, num primeiro momento, quase de forma imperceptível. Os acontecimentos felizes, ou os momentos de desânimo sucessivos à experiência de frustrações ou desilusões, são a linguagem de Deus. O que é certo é que a voz de Deus, num momento concreto, ecoa no fundo da pessoa e remove estratos que lhe permitem pôr-se em sintonia

⁹⁶ Sucedeu o mesmo com S. João de Deus: quando se sentiu humanamente desenraizado, avivou-se nele o chamamento que, já em Oropesa, o convidava a abandonar o trabalho de pastor de rebanhos e de cavalos do Conde, e dedicar-se ao serviço do Senhor “*fora do seu natural*”, pois “*sentia grande dor, quando estava em casa do Conde de Oropesa e via, na cavalaria, os cavalos gordos, luzidios e agasalhados, e os pobres fracos, despidos e mal tratados. Dentro de si, dizia: «Então, João, não será melhor que te ocupes em tratar e apascentar os pobres de Jesus Cristo do que os animais do campo?»*” (CASTRO, Cap. IV, p. 41).

com ela: “*escuta, ó filho; abre os teus ouvidos*”. Experimenta-se, por via de contraste ou de coincidência com as aspirações mais profundas, a sedução de uma maneira de viver e de Jesus de Nazaré manifestar o seu amor ao Pai e aos seus irmãos, os homens. Experimenta-se a urgência de mudar o próprio estilo de vida, de quebrar a monotonia de um cristianismo feito de práticas repetitivas sem maiores complicações, nas quais se procurava, quase sempre de forma inconsciente, obter a benevolência de Deus.

88. A sedução do Mistério não acontece sempre em âmbitos de pura transcendência, de isolamento e de oração íntima com Deus. Esta sedução acontece com frequência, como na vida de S. João de Deus, no encontro com os crucificados do mundo, com as pessoas marginalizadas e desprezadas. Nelas, descobre-se o rosto de Deus e o chamamento de Deus torna-se, neles ou nelas, irresistível, profundamente interpelante. No rosto dos desfigurados, descobre-se a presença do Transfigurado.
89. O chamamento, a vocação, é uma etapa na qual se torna necessário o discernimento, o acompanhamento espiritual, a resposta a não poucas perguntas. Os mestres espirituais falam de “início do caminho”, e de terceiras moradas. Aqui, torna-se necessário, no entanto, um grande esforço ascético que permita o reajustamento da própria vida com quanto Deus nos propõe.
90. Ao longo da vida verificam-se “novos chamamentos” que aprofundam e dão firmeza ao primeiro. São aqueles momentos em que descobrimos uma nova orientação, em que nos sentimos chamados a mudar de mentalidade (*metanoia*), em que sentimos a necessidade interior de sermos enviados para novas fronteiras de missão. Responder ao chamamento de Deus em tais circunstâncias é tão vital como responder no início. Se não houver resposta, o caminho espiritual fica bloqueado.
91. A porta de entrada no caminho espiritual é, certamente, a vocação, mas ela deve ser acompanhada pela resposta. A resposta exprime-se, antes de mais, na oração, na obediência e no serviço humilde. S. João de Ávila pedia para “ouvir a primeira Palavra... só Deus, que é a suma Verdade” (*Audi, Filia*, I, B, 1), “pela fé” (*Audi, Filia*, I, B, 2).

c) Alteração e Consagração

92. Quem tem consciência de ter sido chamado por Deus para uma vida segundo o estilo de João de Deus e responde a esse chamamento, faz em si mesmo a experiência de se tornar como que o sujeito de uma misteriosa e progressiva transformação interior, que o transforma e torna consagrado, habitado pelo Espírito para uma forma de vida em despojamento, nudez e esvaziamento de si próprio.
93. Tal como sucedeu com o nosso Fundador, Deus fala-nos através do clamor da humanidade que sofre por doença ou por causa da pobreza e da injustiça. Desperta e fortalece-se em nós o amor compassivo e misericordioso, o acolhimento, a benevolência, o sentido de solidariedade e de fraternidade. Transforma-se, assim, a escala de valores em que, até esse momento, se baseava a nossa vida. Ao consagrarmos-nos em hospitalidade, o Espírito Santo torna-nos capazes de manifestar na nossa vida o amor especial do Pai para com os que sofrem, e de mantermos vivo no tempo o estilo de vida de Jesus de Nazaré, vivendo-o em castidade, pobreza e hospitalidade, cooperando na missão da Igreja, servindo a Deus no homem sofredor (Const. 1d; 2b; 7b).
94. Esta ação transformadora do Espírito é vivida e acolhida na celebração litúrgica da nossa Profissão religiosa (cf. *Evangelica Testificatio*, 47; Const. 9a). Nela, reconhecemos que Deus nos vai consagrando através dos múltiplos acontecimentos da vida.

95. Não é suficiente participar em actos de consagração; é necessário deixar-se consagrar. Quando tal sucede, Deus faz tudo o resto. Entra-se numa etapa mística na qual Deus, por meio de Jesus e do Espírito, se torna o grande protagonista da vida do seu eleito. Os mestres espirituais definem esta etapa como “quartas moradas”, que corresponde à passagem de uma etapa ascética para outra, mais mística. João de Deus não viveu esta etapa no isolamento contemplativo, mas na contemplação mística no âmbito da acção de caridade, misericordiosa e hospitaleira, sentindo-se ungido pelo Espírito no seu contacto com a miséria humana. É esse também o nosso caminho de consagração constante. S. João de Ávila ensinava que a escuta da voz de Deus introduz o crente numa nova visão e numa inclinação diante da vontade Deus, que o leva a sair e a esquecer-se deste mundo mau, e mesmo da casa paterna (*Audi, Filia*, II-V).

d) Identificação mística com Jesus pobre, marginalizado e sofredor

96. Nunca termina nesta vida o caminho no Espírito, que tem por objectivo a identificação total com o Senhor. As últimas etapas colocam-nos perante uma transformação, ou transfiguração, cada vez maior, que pode ser adequadamente descrita como “desponsório místico”, uma autêntica simbiose: “*Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*” (*Gal 2*, 20). O Espírito manifesta-se e actua em nós como Hospitalidade; configura-nos *com o Cristo compassivo e misericordioso do Evangelho*, para manter viva no tempo a sua presença misericordiosa (Const. 2).
97. Estas últimas etapas da vida espiritual são as que nos permitem descobrir as potencialidades secretas da nossa vida, que ultrapassam toda a imaginação e desejo. Quem renuncia a ser conduzido até este ponto, torna-se um frustrado. Os Mestres de Espiritualidade referem-se a estas últimas etapas como “*últimas moradas*”, ou “*chegada ao cimo do Monte*”, ou ainda como o momento em que Deus se sente cativado pela alma do crente (*Audi, Filia*, VI).

3. Participantes no caminho do Povo de Deus

98. O nosso caminho espiritual carismático, comunitário e pessoal, insere-se no grande Caminho espiritual do Povo de Deus, que é a Igreja. O caminho espiritual da Igreja surge de uma forma paradigmática, exemplar e pedagógica no ciclo sacramental e litúrgico. Esse é também o nosso caminho. O *ciclo litúrgico-sacramental* do Ano Litúrgico é o grande contexto do nosso caminho espiritual. Ao longo desse Ano, entramos em contacto com toda a mensagem revelada. A *leitura contínua* que a santa mãe Igreja nos propõe, dia após dia, semana após semana, é o melhor alimento espiritual, o melhor guia pelos caminhos do Espírito.
99. O Concílio Vaticano II disse-nos que “*a liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde emana toda a sua força [...], pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela as pessoas conseguem com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja*”.⁹⁷ Por isso, a celebração diária da Eucaristia, no contexto do ciclo litúrgico:
- incorpora-nos no sacrifício de Jesus e no culto que Ele oferece ao Pai (Const. 7c);

⁹⁷ *Sacrosanctum Concilium*, 10

- exprime e realiza a nossa missão como família hospitaleira⁹⁸; o amor de Jesus, presente na Eucaristia, *renova o nosso espírito hospitaleiro* (Const. 30);
 - através da Eucaristia e da presença de Jesus nos nossos sacrários, torna as nossas comunidades autênticas escolas de hospitalidade.⁹⁹ A nossa hospitalidade eucarística é a fonte da nossa hospitalidade carismática. E a nossa hospitalidade carismática reforça e vivifica a hospitalidade eucarística, que manifestamos na celebração diária da Eucaristia e no acolhimento orante da presença real do Senhor nos nossos oratórios.
100. Nos tempos penitenciais da Igreja, assim como nas celebrações comunitárias e pessoais da Reconciliação, celebramos a Misericórdia de Deus, reconhecemos a nossa colaboração e participação no mal, abrimo-nos a Deus e à Comunidade e acolhemos a graça transformadora. O sacramento da reconciliação é central na nossa espiritualidade que pratica a misericórdia e o acolhimento incondicional e hospitaleiro do outro.
101. O *sacramento da unção dos enfermos* teve sempre um lugar privilegiado no serviço pastoral e espiritual prestado aos doentes. João de Deus procurou-o com grande solicitude. A tradição da Ordem manteve-o como manifestação de verdadeiro amor aos doentes. A mãe Igreja oferece-nos a possibilidade de celebrarmos a proximidade misericordiosa e transformadora de Jesus através do *sacramento da unção dos enfermos*. A celebração comunitária deste Sacramento – como sujeitos da celebração ou como comunidade celebrante – faz-nos experimentar a presença real e curadora de nosso Senhor Jesus no mundo da dor e da enfermidade. Participar na oração e unção da Igreja a favor dos doentes é um dos momentos mais importantes no nosso crescimento espiritual, como Irmãos hospitaleiros.
102. A *Liturgia das Horas*, em que participamos regularmente, une-nos intensamente ao Caminho do Povo de Deus. A recitação dos Salmos, a escuta da Palavra, mais eficaz do que uma espada de dois gumes, guia a nossa vida pelo Caminho do Senhor, de maneira infalível. Por isso, não queremos prescindir desse ritmo vital. Quando participamos na oração da Igreja, estamos também em comunhão com a humanidade, de modo especial com os homens e mulheres que sofrem – a Igreja do sofrimento –. É importante que renovemos a consciência dessa dimensão da nossa espiritualidade: somos uma voz que abençoa, que louva, que dá graças e suplica o Deus da vida e Pai da misericórdia, em nome daqueles que estão impossibilitados de o fazerem pessoalmente ou não que experimentaram a felicidade da sua filiação divina.

⁹⁸ “Na Eucaristia, com efeito, o Senhor Jesus associa-nos a si na própria oferta pascal ao Pai: oferecemos e somos oferecidos. A mesma consagração religiosa assume uma estrutura eucarística: é uma oblação total de si, intimamente associada ao sacrifício eucarístico. Concentram-se na Eucaristia todas as formas de oração, proclama-se e é acolhida a Palavra de Deus, somos interpelados a respeito de nossa relação com Deus, com os irmãos e com todos os homens: é o sacramento da filiação, da fraternidade e da missão. Sacramento da unidade com Cristo, a Eucaristia é simultaneamente sacramento da unidade eclesial e da unidade da comunidade dos consagrados” (Partir de Cristo, 26).

⁹⁹ A “permanente disponibilidade (de Jesus) para ser fortaleza, consolação e viático dos doentes, estimula-nos a perseverar ao lado do homem que sofre, acompanhando-o na sua dor e na sua solidão” (Const. 30c).

4. Participantes do Caminho de Espiritualidade da Ordem e suas comunidades

a) Transmissão carismática

103. O nosso caminho espiritual é o Caminho da Ordem e das comunidades nas quais nos integramos. A espiritualidade concretiza-se através de processos de transmissão, de contágio, de comunhão. Por isso é que é tão importante a comunidade, a Ordem (do presente e do passado), como escola de espiritualidade da hospitalidade. Recebemos o carisma da hospitalidade numa comunidade de Irmãos, reunidos pelo Senhor Jesus, *para caminharmos juntos ao encontro do Pai e para comunicarmos aos homens a boa nova da salvação* (Const. 26a) e da assistência. Entrar na comunidade da Ordem significa integrar-nos numa grande tradição espiritual e comprometer-nos em fidelidade criadora com ela, para que o Espírito avive, por nosso intermédio, o dom da hospitalidade naqueles que são portadores do mesmo.
104. Os Irmãos e os organismos mais antigos adquirem, neste contexto, um novo relevo. Eles são as testemunhas, os ministros da tradição espiritual. O contacto com eles torna-se vivificante. A sua presença e o seu influxo são particularmente importantes naqueles lugares onde, sendo os Irmãos ainda jovens, existe o perigo de um corte com as origens. Cabe aos Irmãos mais velhos e aos Irmãos formados no seio da Grande Tradição, exercer uma função de paternidade carismática.

b) O amor fraterno

105. Como João de Deus, somos chamados a construir laços de fraternidade. Um dos efeitos mais negativos da secularização é a perda de identidade social do religioso na nossa sociedade. Somos marginalizados sociais na medida em que a sociedade deixou de reconhecer o nosso papel de pessoas consagradas. A pessoa precisa de se sentir socialmente integrada e aceite. A resposta a esta necessidade consiste em encontrar um grupo de pertença, de fortes relações primárias, onde seja possível encontrar o apoio social que ajude a reforçar a própria identidade. O nosso lugar de referência por excelência, para encontrar o sentido da nossa identidade, é a comunidade em que vivemos. Mas, se devido ao individualismo espiritual, a comunidade não oferecer apoio a essa razão profunda, vocacional, da nossa existência como consagrados, não surpreende que haja quem procure fora dela, ou privatize, esta dimensão, e procure identificar-se socialmente pela actividade que desempenha (enfermeiro, trabalhador social, etc.), reduzindo a pertença comunitária às tarefas que executa, e identificando-se não por aquilo que *é*, mas pelo que *faz*.
106. A hospitalidade que recebemos como dom empenha-nos a viver a fraternidade e a manifestar as atitudes de acolhimento, compreensão, benevolência e serviço, em primeiro lugar no seio da própria comunidade (cf. Const. 36b). A misericórdia experimentada encoraja-nos a valorizar os outros irmãos como depositários do mesmo dom e a desenvolver os laços de comunhão que o Espírito estabeleceu entre nós e para sermos sinais e testemunhas de que as diferenças de idade, cultura e etnia passam para segundo plano quando a relação estabelecida se baseia nos valores que apoiam a convivência humana: ou seja, a valorização e aceitação do outro por aquilo que ele é.
107. O sentido de sinal da fraternidade em comunhão mantém hoje toda a sua actualidade e o mesmo vigor que Jesus lhe conferiu: trata-se de um convite a acreditar nele como Enviado do Pai e como sinal de que somos seus discípulos (cf. Jo 13, 35; 17, 21; Const. 26b). A possibilidade de ser sinal para a sociedade reside sobretudo na capacidade de comunhão entre os irmãos, no amor fraterno, que deve ser sempre entendido como valor evangélico: *“a comunhão fraterna,*

antes de ser instrumento para uma missão em particular, é um espaço teologal em que se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado” (cf. Mt 18,20; VC 42).

c) Partilhar a experiência de Deus e discernir comunitariamente a sua vontade

108. A comunidade da hospitalidade misericordiosa é o âmbito ideal da nossa espiritualidade. É, ou é chamada a ser, biocenose, biótopo, lugar de vida e de crescimento vital. A comunidade será uma “escola de espiritualidade” na medida em que nós, os Irmãos, tomarmos consciência de que a razão mais profunda que há para nos termos conhecido e vivermos juntos é a nossa experiência pessoal de Deus, e que *a nossa comunidade é, por sua natureza, o lugar privilegiado onde a experiência de Deus se deve poder realizar na sua plenitude e ser comunicada aos outros* (Const. 27; cf. *Dimensão Contemplativa da Vida Religiosa*, 15). Por isso, é urgente vencer a tendência para o individualismo na vida interior e fomentar a comunhão no espírito, as ocasiões de diálogo e os encontros para partilhar a fé, as dificuldades e os meios que nos ajudam a vivê-la. Devemos comprometer-nos e esforçar-nos para realizar um caminho em comum e praticar a ajuda recíproca, a correcção fraterna e comunicar as experiências de Deus.
109. As celebrações litúrgicas, a oração em comum e as reuniões comunitárias são momentos nos quais, guiados pelo Espírito e acolhendo a Cristo como centro das nossas assembleias, podemos e devemos praticar a comunicação e o diálogo ao nível da fé, rever e fazer a avaliação da nossa vida, bem como discernir e acolher a vontade de Deus acerca da comunidade e sobre cada Irmão (cf. Const. 38d).
110. Uma comunidade hospitaleira é chamada a ser, de forma relevante, uma comunidade perita no discernimento espiritual. Este é, possivelmente, um dos aspectos em que mais podemos crescer no futuro. Discernir o bom espírito é algo que ultrapassa a mera acuidade intelectual. Sob este aspecto, ninguém pode sentir-se superior seja a quem for. No discernimento, uma comunidade coloca-se humildemente diante de Deus com o desejo de descobrir a sua vontade. Por isso, o discernimento exige oração, escuta de Deus e dos Irmãos, consciência de que Deus costuma revelar os seus mistérios aos mais simples, pobres e jovens.

d) Comunidade em missão de hospitalidade

111. A missão de hospitalidade – central na vida da Ordem – faz-se presente e encarna-se na comunidade local. Comunhão e missão exigem-se e completam-se entre si (cf. Const. 41a; 43c).
112. Nós não agimos a título individual: a comunidade envia-nos, ao mesmo tempo que nos apoia e nos torna credíveis como Irmãos de S. João de Deus (cf. Const. 43c). Na comunidade, todos os Irmãos estão empenhados no anúncio do evangelho aos pobres e doentes. É verdade que nem todos podem dedicar-se a esta missão, mas todos participam naquilo que realizam os outros Irmãos, os quais, por sua vez, se sentem animados por aqueles que, por razões de idade, doença ou funções que exercem, não podem desempenhar um trabalho profissional. É importante cultivar e viver este sentido de comunhão na missão, principalmente onde a idade dos Irmãos é elevada e as exigências sócio-laborais não lhes permitem continuar a exercer como profissionais as tarefas próprias do serviço aos doentes e necessitados.
113. Fomos convocados com base na Hospitalidade para constituirmos uma comunidade de vida apostólica (Const. 5b; cf. Mc 3, 13-14). É na missão que a nossa comunidade alcança o seu significado pleno (Const. 41a) e onde se manifesta o fruto do encontro com Deus e com os Irmãos. É na missão que se torna visível a *transfiguração* da nossa identidade de crentes e se torna presente e actual o Cristo compassivo e misericordioso do Evangelho que, em nós e por

nós, se faz acolhimento, serviço e entrega aos doentes e necessitados (Const. 2c; 5a). Aquilo que configura a nossa identidade não é nenhum dos níveis da nossa vida, separadamente. A transformação é fruto do dom da Hospitalidade (Const. 2b). Por conseguinte, não é possível separar a actividade apostólica da oração e da vida fraterna em comunidade, nem se pode pensar que é por meio da actividade, do trabalho realizado, que nos constituímos em presença de Cristo. É a Hospitalidade que nos torna apóstolos, que somos quando, com todas as nossas faculdades, actuamos profissionalmente, e quando, por razões de idade ou de qualquer outra limitação, não nos é possível estar ao lado do doente ou do pobre, para o curar ou servir: de facto, aquilo que nos constitui e se torna condição para podermos realizar gestos e actividades de hospitalidade, é *sermos hospitalidade*.

114. As actividades apostólicas não implicam uma suspensão da vida comunitária (Const. 43c). Ou melhor: a vida comunitária tem uma expressão forte na dispersão que é exigida pela misericórdia para com os necessitados e pela hospitalidade; faz parte da nossa espiritualidade termos consciência dos laços que nos unem quando estamos dispersos. Temos de conviver quando estamos distantes uns dos outros, participando no programa espiritual da nossa comunidade. Nunca nos deveríamos sentir sós. A integração no meio do povo é uma forma peculiar de dispersão apostólica em hospitalidade e de vivência comunitária. É aí que se demonstra que a nossa comunidade nasceu para os outros e para si mesma (Const. 5b; 41a).

e) Uma comunidade com sentido de Igreja

115. Nunca nos podemos esquecer que formamos comunidades integradas na grande comunidade que é a Igreja e nas igrejas particulares com os seus Pastores. Por isso, deixamo-nos conduzir pelos seus impulsos espirituais, pelo seu magistério, pela acção imprevisível do Espírito sobre ela e colaboramos na sua missão de tornar presente o Reino (Const. 1d; 5a; 41a), conscientes de que, sem o testemunho do serviço de caridade e da missão de curar, a Igreja de Jesus seria incompleta. As obras apostólicas da Ordem são chamadas a serem âmbitos nos quais se professa, proclama e pratica publicamente o amor cristão, do mesmo modo que a Paróquia é o lugar onde se professa e celebra publicamente a fé.¹⁰⁰
116. A comunhão com a Igreja aviva no Irmão a sua vocação de “*sacerdote compassivo e misericordioso*” segundo o estilo de Jesus (cf. Const. 7c; 30 b): inserido no seio do povo que sofre, oferece ao Pai o culto de oblação da própria existência e da existência dos pobres e dos doentes; além disso, é profeta do Deus da misericórdia, que desce até ao mundo dos pobres para lhes mostrar o seu amor e denunciar as situações de injustiça social ou estrutural; o Irmão, na Igreja, encarna o mandato de Jesus, que manifestou a sua entrega de amor até ao fim, prostrando-se diante dos seus discípulos para lhes lavar os pés e lhes mandou perpetuar esse gesto de hospitalidade e serviço, para que a sua permanência na Eucaristia não seja apenas um rito que se repete, mas o memorial da sua entrega para comunicar a vida e conferir o mesmo nível de dignidade à vida de todos os seus irmãos, os homens (cf. Jo 13, 1-17; Lc 22, 17-21).

¹⁰⁰ A Igreja tem necessidade de nós, tal como nós temos necessidade dela... É indispensável a comunicação dentro da Igreja. A nossa vocação e o carisma da nossa Ordem, na sua identidade e nos seus programas, devem estar bem presentes no mundo dos crentes, tornar-se para eles um estímulo e um modelo, um caminho para realizar a vocação baptismal comum à santidade (P. MARCHESI, *A Hospitalidade dos Irmãos de S. João de Deus rumo ao ano 2000*, Roma, 1986, n. 89).

5. O nosso caminho “pessoal” de espiritualidade

117. Não é suficiente seguir e partilhar o caminho do povo de Deus. Cada um de nós é um ser único, uma pessoa irrepetível. No caminho espiritual, há também uma dimensão individual na qual ninguém nos pode substituir e que depende da nossa absoluta e intransmissível responsabilidade.

a) A oração pessoal como caminho de espiritualidade

118. *“A fonte primária da nossa missão caritativa é o amor misericordioso do Pai (cf. 1 Jo 4, 10-11). Isto exige que nós favoreçamos, pessoal e comunitariamente, no diálogo da oração, a integração entre a vida interior e a actividade apostólica, para nos tornarmos capazes de viver o amor a Deus em sintonia com o serviço aos irmãos” (Const. 28a).* Na oração, Jesus deseja realizar connosco prodígios de misericórdia (S. Bento Menni). Inclina-se sobre a nossa fraqueza, olha para nós com infinita ternura, acolhe-nos com todo o amor do seu coração, como se inclinou sobre o leito dos doentes, como olhou para as crianças e os pecadores, como acolheu Maria Madalena, Zaqueu e Pedro. Na oração, somos convidados a deixar-nos fixar por Jesus e a permitir que a luz da sua vida ilumine a nossa mente e o nosso coração, para descobirmos a vontade de Deus em cada momento e para a seguirmos com docilidade filial.
119. No encontro da oração pessoal, o Irmão constata a verdade e o dinamismo do seu caminho no Espírito. O encontro amoroso e regular com o nosso Deus-Trindade torna-se cada vez mais intenso, e até mesmo mais vasto, até nos fazer orar em todas as circunstâncias. A caridade do diálogo interpessoal com o nosso Deus revela até onde pode chegar o Espírito em nós. É verdade que não sabemos o que havemos de pedir nas nossas orações e, por isso, o Espírito vem em nosso auxílio (Rm 8, 26-27). É ele que guia os nossos progressos na oração e nos surpreende na oração com as suas inspirações. Quando as preocupações quotidianas ou o trabalho não permitem que aflore a vida de oração, o nosso caminho de Espiritualidade pára e, inclusivamente, pode haver um retrocesso nesse caminho.

b) Um projecto pessoal de espiritualidade

120. Cada Irmão deve expressar o seu caminho de espiritualidade num projecto pessoal, seriamente elaborado, em discernimento com quem o guia ou acompanha no caminho do Senhor e, na medida do possível, partilhá-lo com os Irmãos da comunidade.
121. O projecto pessoal de vida converte-se na manifestação da nossa resposta vocacional ao longo do tempo. É o melhor sintoma de que assumimos com responsabilidade a vocação que recebemos e estamos dispostos a traduzi-la constantemente em acções adequadas: sabemos que, para sermos família de Jesus, Irmãos, devemos não só escutar a palavra, mas também traduzi-la em prática.
122. O nosso projecto de vida é uma resposta à Aliança de Deus e centra-se no Reino de Deus que há-de vir. As virtudes da castidade, pobreza, obediência e hospitalidade que caracterizam o nosso compromisso na Aliança de Deus com o seu povo, adquirem todo o seu sentido no contexto do Reino de Deus e do seguimento apostólico de Jesus. Com a prática destes conselhos evangélicos, o Espírito prepara-nos para profetizarmos contra os sistemas de injustiça, de discriminação dos fracos, de esbanjamento de bens, de violência. Os carismas evangélicos que o Espírito nos concedeu para a vida da hospitalidade, crescem em contextos

de apaixonada missão e amor ao povo, que nos insere cada vez mais nele, na sua história, e nos identifica cada vez mais com os mais pequenos da terra.

123. Um elemento essencial do nosso projecto pessoal de vida é a disponibilidade para, em todos os momentos, acolhermos as pessoas como Irmãos de S. João de Deus. Esta é a expressão mais genuína da nossa espiritualidade hospitaleira. É a espiritualidade da entrega, do serviço permanente, do acolhimento sem reservas; é o caminho real que conduz ao auge do amor que, como sucedeu com Jesus e João de Deus, se alcança descendo aos ambientes mais sórdidos da miséria e fraqueza humanas, dedicando-nos *à assistência de quem sofre com as atitudes e os gestos característicos do Irmão de S. João de Deus – serviço humilde, paciente e responsável; respeito e fidelidade à pessoa; compreensão, benevolência e abnegação* (Const. 3b) –, tornando-nos solidários com as suas ansiedades e as suas esperanças.

c) Contemplativos na missão

124. A acção apostólica não é pura exterioridade; é a sacramentalização do Espírito e do Senhor Ressuscitado. Isto exige que favoreçamos a integração entre a vida interior e a actividade apostólica (cf. Const. 28a; 103a). Na missão, não deixamos de estar com Cristo. Mais ainda, estamos então unidos a ele de uma forma singular. Mas devemos ter consciência de que há sempre o *“perigo de os obreiros do evangelho se deixarem envolver de tal forma na sua actividade pelo Senhor que se esqueçam do Senhor de toda a actividade”* (João Paulo II). Um momento importantíssimo da nossa espiritualidade é dispormo-nos para o serviço de caridade, renovando a consciência de que, ao servirmos os fracos, estamos a servir o próprio Jesus. A *mística* da hospitalidade encoraja-nos a viver em actividade contemplativa. Temos o privilégio de poder contemplar ininterruptamente a Cristo: os pequenos – toda a pessoa é *“pequena”* e débil – são *ícones vivos* de Jesus. A aproximação ao corpo das pessoas para as curarmos do mal, como fazia Jesus, para as dignificarmos e convertermos em âmbitos de dignidade e de experiência religiosa e cristã, é essencial na nossa espiritualidade.
125. A fecundidade do nosso apostolado vitaliza-se quando nos sentimos solidários com aqueles que sofrem, *conscientes de que o nosso amor misericordioso para com eles nunca é um acto unilateral* (Const. 42c): o apostolado hospitaleiro é uma fonte de espiritualidade. Não só porque o Irmão evangeliza, mas porque, na sua acção evangelizadora, se sente evangelizado. Deus fala-nos nos outros, especialmente nos necessitados da nossa ajuda: faz-se lamentação, súplica, gratidão... e convida-nos a escutar e a discernir as suas mensagens. O emigrante, o doente, são o *“outro”* que encarna e actualiza a diversidade, o diferente com que o Espírito nos deseja surpreender. Descobrir os valores que existem nos grupos humanos e nas pessoas, deixar-se impressionar e enriquecer por eles, torna-se fonte de espiritualidade. As suas consequências são imprevisíveis, como imprevisível é o Espírito.
126. O apostolado hospitaleiro é uma autêntica escola e um cadinho de humanização: estimula-nos a crescer como seguidores de Jesus de Nazaré, que restituiu à humanidade o rosto que o Pai tinha desejado desde o princípio, ao mesmo tempo que vai purificando o egoísmo e a falta de solidariedade, para que o acolhimento, a compreensão, o serviço e a doação total se plasmem e transmitam em gestos de misericórdia e solicitude. O doente, na sua debilidade física, não é apenas destinatário; é também agente de compreensão e de amor – é a *“universalidade”* (P. Marchesi) que, sem necessidade de teorias, nos ajuda a adquirir a verdadeira ciência, a autêntica sabedoria do viver. Além disso, partilhamos o apostolado hospitaleiro com os profissionais da Saúde e da Assistência, com todas as pessoas que colaboram nas Obras apostólicas da Ordem. Isso é fonte de uma constante revisão das nossas actividades e motivações, obriga-nos a verificar se os que sofrem são *o centro de toda a nossa actividade*

apostólica e de todas as nossas preocupações (Const. 103b); se colocarmos todas as nossas energias e talentos ao serviço de Deus nos doentes e necessitados (Const. 22b; 1d); se, pessoal e comunitariamente, *somos guias morais, consciência crítica e criativos*¹⁰¹ – hoje, diríamos *refundadores*¹⁰² – de um estilo de hospitalidade em sintonia com a Hospitalidade de João de Deus; se, individual e comunitariamente, mantemos vivo e promovemos o seu espírito (Estatutos Gerais, 127b); se vivemos tão *compenetrados da nossa missão, que os nossos Colaboradores se sentem impelidos a agir da mesma maneira* (Const. 23a). Com os nossos Colaboradores, estamos comprometidos em cultivar e promover os valores da pessoa e em contribuir para desenvolver e aprofundar o que temos vindo a chamar “cultura de hospitalidade”.

d) Dimensão corporal do nosso caminho de espiritualidade

127. A encarnação do Verbo continua no tempo e torna-se realidade na pessoa; na pessoa do Irmão que serve e na pessoa do doente ou necessitado a quem servimos. A corporeidade é a mediação para a relação humana e faz parte do processo espiritual. O nosso corpo é templo do Espírito e membro do Corpo de Cristo; a sua missão consiste em glorificar a Deus. No corpo, ficam gravadas a nossa história, as nossas recordações mais profundas. O corpo é o lugar da nossa aventura existencial. Tem uma vocação eucarística: tende a converter-se num corpo entregue, como foi o corpo do nosso Pai, João de Deus. A virtude da castidade, vivida como Irmãos Hospitaleiros, é germen de fecundidade pessoal, pois *no apostolado de caridade cumprimos a missão de servir e promover a vida e afirmamos a dignidade e o valor do corpo* (Const. 10d).
128. A unidade psicossomática indica-nos que não pode haver espiritualidade que não passe pelo corpo, nem culto adequado ao corpo que não acabe no espírito. A inter-relação entre equilíbrio psicossomático e vida espiritual é indiscutível. Daí a importância de cultivarmos o equilíbrio da nossa realidade corpórea: a paz, a serenidade interior, o afecto e a delicadeza transmitem-se através dos sentidos. Jesus impunha as mãos aos doentes, quando os curava (Lc 4, 40).¹⁰³

e) Vigilância e abertura ao Espírito

129. Nós, os Irmãos de S. João de Deus, queremos estar muito vigilantes diante da acção do Espírito no nosso tempo e nos diferentes lugares. A vigilância levar-nos-á a viver a nossa espiritualidade em situações martiriais,¹⁰⁴ nas quais, mais do que a acção, seja a paixão a

¹⁰¹ Cf. P. MARCHESI, *A Hospitalidade dos Irmãos de S. João de Deus rumo ao ano 2000*, Roma, 1986, n. 66-86.

¹⁰² A espiritualidade na missão exprime-se no entusiasmo, na imaginação profética. A falta de Espírito conduz à rotina, à monotonia, à mera repetição. A presença do Espírito é fogo que tudo anima e recria. Um Irmão com espírito hospitaleiro nunca se acostuma ao que faz: em todas as suas actividades, descobre sempre a novidade do Reino de Deus.

¹⁰³ O nosso corpo está numa relação muito estreita com a natureza: é a parte da natureza que mais domesticámos. A nossa espiritualidade adquire assim matizes profundamente ecológicos, que não devemos desprezar: compreenderemos melhor, dessa forma, as possibilidades de todos os corpos humanos, mas também as suas desventuras e degradações.

¹⁰⁴ Na perspectiva de um Irmão Hospitaleiro, existe sempre a possibilidade do martírio, o “caso sério” da entrega da caridade, da confissão da fé e da proclamação da esperança. O martírio é um dom e foi sempre reconhecido como tal. É um dom para o mártir e é um dom também para a Ordem. Trata-se de um dom paradoxal, mas real. Podemos rejeitá-lo de antemão, se evitarmos o perigo, se procurarmos seguranças, se evitarmos qualquer tipo de risco. Mas uma vida vivida dessa forma, a fugir, não merece os apelativos de “hospitaleira” e “misericordiosa”. O martírio como horizonte, dá uma cor especial à vida hospitaleira. No âmbito das possíveis formas de martírio estão aqueles

caracterizar a nossa forma de missão; em ambientes de diálogo inter-religioso, em que Jesus seja apresentado como nosso Senhor, servidor de todos, Corpo entregue, e nós sejamos as suas testemunhas a partir de uma espiritualidade da kénosis e da humildade; em atitude de comunhão com o laicado, mulheres e homens, descobrindo, neles e nelas, energias para a perseverança, para a entrega *ad vitam*, para a relação mútua; em situações conflituosas e difíceis em que sejamos mensageiros e testemunhas de justiça e nos empenhemos na construção da paz.

6. A formação como caminho de espiritualidade

130. O caminho de espiritualidade tem uma versão reduzida naquilo que denominamos “iniciação carismática”, que se realiza nos primeiros anos da vida na Ordem, e na chamada “formação contínua”, que se prolonga por toda a vida.¹⁰⁵

a) Primeira etapa: iniciação carismática

131. Na primeira fase da formação e durante a sua formação profissional, o Irmão aprende a fazer as coisas: a estudar, a exprimir-se, a realizar o trabalho profissional, a meditar, a rezar, a ser um bom religioso... É o tempo dos “ideais” – de santidade, de comunidade, de “encarnação no mundo” –.¹⁰⁶ A partir de então, aprecia e critica os outros: eles não souberam fazer, ele fará as coisas de outra forma, porque vai pôr em prática aquilo que sabe e sente. Nesta etapa, encara-se a realidade com “os olhos dos métodos”, isto é, através de uma ideologia de que, a pouco e pouco, nos vamos apropriando. Não nos adequamos à realidade tal como ela é. Entramos em contacto não com a realidade em si, mas com a imagem que dela temos. Não é, pois, de estranhar que, ao inserirmo-nos na vida real, a vida quotidiana nos surpreenda e pareça contrastar com o ideal sonhado. As frustrações e decepções podem servir como escola de “encarnação” no mundo, a partir da experiência-aceitação da própria fragilidade, da inconsistência das ideias descarnadas, da limitação-riqueza dos outros e das estruturas.¹⁰⁷
132. Semelhantes experiências irão repetir-se ao longo do apostolado, quando chegar o momento de abandonar o trabalho, por razões de idade ou falta de saúde. Esses momentos, em que se experimenta a crise, serão apelos a determo-nos no caminho, a acolhermos a força da Hospitalidade e a redescobrirmos que fomos chamados e consagrados para *sermos* hospitalidade e para anunciar o reino segundo o estilo de Jesus (Const. 21), que precisou de experimentar o insucesso, o sofrimento, a angústia, a fragilidade e o abandono,

compromissos com os pobres que implicam marginalização, isolamento, condenação. É quando o hospitaleiro pode afirmar: “estive na cadeia”, fui expulso”...

¹⁰⁵ “Na nossa vida religiosa atravessamos etapas significativas que devemos cultivar de modo especial: os primeiros anos da formação inicial em cada uma das suas etapas, a idade da maturidade, os momentos de crise e a retirada progressiva da vida activa. A vida própria dos institutos religiosos e, sobretudo, o seu futuro, dependem, em parte, da formação permanente dos seus membros. É dever de cada Instituto procurar os meios e o tempo apropriados para que as pessoas se formem adequadamente”. ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS. *Projecto de Formação dos Irmãos de S. João de Deus* (P.F.O.), Roma 24.10.2000, nº 132. Cf. ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS, *A Formação Permanente na Ordem*, Roma 1991.

¹⁰⁶ P.F.O., 39 e 44.

¹⁰⁷ Características do nosso modelo de formação: integral, em processo, experiencial, personalizada, gradual e diferenciada, libertadora e profética, universal – *Ibid.*, 46-57.

inclusivamente a cruz e a morte, para compreender e ser capaz de se compadecer e libertar aqueles que sofrem e morrem abandonados (cf. Heb 2, 14-18).¹⁰⁸

b) Segunda etapa: responsabilidade operativa

133. Depois da formação inicial, o Irmão Hospitaleiro insere-se plenamente na actividade apostólica. A passagem de uma vida guiada e tutelada para uma situação de responsabilidade operativa deve ser acompanhada de uma maneira especial e intensa para ele aprender a viver em plenitude a juventude do seu amor e do seu entusiasmo por Cristo.¹⁰⁹
134. A idade intermédia da nossa vida coloca-nos perante o perigo da rotina e da insipidez, por falta ou escassez de resultados. É esta a altura de fazer a revisão, à luz do Evangelho e do nosso carisma, do primeiro amor, da nossa vocação original. Encontramos um novo impulso e novos motivos de perseverança na vocação. Nesta fase, concentramo-nos naquilo que é essencial.¹¹⁰
135. Na idade matura é fácil cairmos no individualismo, cedermos à tentação de nos fecharmos diante da vida, ou de nos relaxarmos. O caminho espiritual ajuda-nos a reforçar o nosso tom vital, a purificar-nos e a entregar-nos em oblação generosa. Esta fase da vida oferece-nos a possibilidade de amadurecermos no dom e na experiência da paternidade espiritual.¹¹¹

c) Terceira etapa: limitações cada vez maiores

136. A idade avançada caracteriza-se pelo progressivo afastamento da actividade, ou pela enfermidade ou inactividade forçada. Apesar de ser um período da vida frequentemente doloroso, ela oferece ao Irmão idoso a oportunidade de se deixar plasmar pela Páscoa do Senhor. Nestas circunstâncias, a missão da hospitalidade misericordiosa adquire os tons da paixão, que nos identifica com a paixão do Senhor. Cumpre-se assim, no Irmão, o misterioso processo de espiritualidade iniciado muito tempo antes. A morte é então aguardada e preparada como um acto de amor supremo e de entrega total de si mesmo.¹¹²

d) Momentos cruciais

137. Independentemente das etapas da vida, há na nossa existência momentos cruciais e decisivos. Factores externos (um destino, um insucesso, um acontecimento histórico), ou internos (uma doença, uma depressão, uma perda, uma amizade, uma crise de fé ou de identidade), podem tornar-se fortes motivos de tensão na nossa vida, até ficarmos com a impressão de que ela se estilhaça. Nestes momentos, tornam-se factores decisivos na vida o acompanhamento espiritual,¹¹³ a oração, a proximidade fraterna, a presença dos amigos. O Irmão poderá, assim,

¹⁰⁸ *Ibidem*, nº 24: *À luz do itinerário do nosso Fundador, o processo de formação deve proporcionar aos candidatos e formandos um amplo espaço para eles interiorizarem e reflectirem sobre o carisma e a espiritualidade da Ordem. Constitui um desafio para a Ordem educar, formar e tornar os Irmãos capazes de testemunharem o Evangelho da misericórdia na sociedade actual, com fidelidade criativa*”.

¹⁰⁹ *Ibid.*, 92 e 137c.

¹¹⁰ *Ibid.*, 26h. *A Formação Permanente na Ordem*, 33.

¹¹¹ *Ibid.*, 136. *A Formação Permanente na Ordem*, 34.

¹¹² *Ibid.*, 44. *A Formação Permanente na Ordem*, 35 e 36.

¹¹³ Ao longo do caminho pessoal de espiritualidade, é essencial o acompanhamento, não só no período da juventude, mas em todas as idades. O exemplo da relação de S. João de Deus com S. João de Ávila é para nós uma excelente referência. Precisamos de estabelecer uma comunicação o mais profunda possível com algum Irmão ou Irmã

redescobrir, o sentido da sua aliança com Deus e o significado da primazia e fidelidade de Deus na sua vida. A provação é um instrumento providencial do Espírito para o crescimento, para a identificação com Jesus, para o progresso no seguimento de Jesus crucificado.¹¹⁴

CONCLUSÃO

138. Quando deixamos que aflore em nós, Irmãos de S. João de Deus, a sede de espiritualidade que habita em nós, temos de estar atentos às surpresas do Espírito. Algo de novo irá nascer em nós. Algumas barreiras serão derrubadas. O impossível tornar-se-á possível. Os nossos desertos florescerão. A nossa sede será apagada. Seremos mensageiros alegres e entusiastas da Boa Nova da Misericórdia e da Hospitalidade. Seremos a parábola de um mundo novo no meio de um mundo de sofrimento e marginalização.
139. O povo de Deus, a humanidade inteira, precisa do nosso testemunho e o nosso espírito tem uma força humanizante. Mas também temos de pôr em destaque a força e a energia espirituais que nos são transmitidas a partir do povo santo de Deus e de toda a humanidade, da qual fazemos parte. Por isso, acreditamos que quanto mais nos sentirmos Igreja e povo de Deus e humanidade, mais a nossa espiritualidade crescerá, e mais profunda e relevante se tornará. Somos chamados a viver a nossa espiritualidade partilhando com os outros não só o nosso dom mas também os dons dos outros.
140. Como Profetas de Misericórdia, animados pelo espírito de S. João de Deus, acolhemos o convite que, no início deste terceiro Milénio, João Paulo II nos dirigiu na Carta *Novo Millenio Ineunte*: “*Duc in altum! – Falamo-nos ao largo! – Caminhemos com esperança!*”.¹¹⁵ Cristo Jesus, nossa esperança (1 Tim 1,1), encoraja a nossa fidelidade na missão profética.

experimentados no caminho do Senhor: eles servir-nos-ão de referência, de confronto, de estímulo. Cabe aos nossos Superiores – na medida do possível – realizar um serviço de animação relativamente a cada Irmão da Comunidade.

¹¹⁴ “*Cada Irmão e cada formando deverão saber assimilar e viver todos os acontecimentos, tanto positivos como negativos, como parte da própria história de salvação, a partir da qual Deus nos fala e conduz*” (P.F.O., n. 27 e 50)

¹¹⁵ *Novo Millenio Ineunte*, 58.

Índice

INTRODUÇÃO	5
1. Mudança de época	5
2. A Igreja e a Ordem neste contexto	6
I. A MEMÓRIA: ORIGENS CARISMÁTICAS	9
1. O Caminho espiritual de S. João de Deus	9
a) Esvaziamento: deixar espaço à graça – primeira etapa	9
b) O chamamento: ao serviço definitivo do Senhor Deus – segunda etapa	10
c) Alteração: transformado pela Palavra de Deus – terceira etapa	11
d) Identificação: como Jesus pobre e como os pobres – quarta etapa	12
2. Tradição: transmissão do espírito do Fundador e Pai	14
a) Pai e irmão no Espírito: os primeiros Irmãos	14
b) O espírito hospitaleiro herdado	16
3. O “hoje” do carisma de João de Deus: Missão partilhada e inculturação	19
II. OS FUNDAMENTOS: MISERICÓRDIA E HOSPITALIDADE COMO CATEGORIAS BASILARES	21
1. Pressuposto: misericórdia e hospitalidade, culpa e violência	21
2. A misericórdia	22
a) O Deus da misericórdia	22
b) A encarnação da misericórdia	22
c) A misericórdia no carisma da Ordem	24
3. A Hospitalidade	24
a) O que é a hospitalidade?	24
b) A hospitalidade na Revelação	26
c) A hospitalidade no nosso Pai, S. João de Deus	27
d) A Hospitalidade nas Constituições e nas obras escritas da Ordem	28
4. Repensar a Misericórdia e a Hospitalidade no nosso tempo: a relação com o estranho	30
a) A relação com “o estranho”	30
b) Aprendizagem da hospitalidade e da misericórdia	31
c) Em missão de misericórdia e hospitalidade, “hoje”	31
III. O ITINERÁRIO ESPIRITUAL	33
PERCORRER “HOJE” O CAMINHO DE JOÃO DE DEUS	33
1. A espiritualidade, hoje	33
2. O paradigma, ou modelo, do nosso caminho espiritual	34
a) Experiências do esvaziamento: desinstalar-se para “nascer de novo”	34
b) “Chamamento” e chamamentos ao longo da vida: “Escuta, ó filho!”	35
c) Alteração e Consagração	36
d) Identificação mística com Jesus pobre, marginalizado e sofredor	37

3. Participantes no caminho do Povo de Deus	37
4. Participantes do Caminho de Espiritualidade da Ordem e suas comunidades	39
a) Transmissão carismática	39
b) O amor fraterno	39
c) Partilhar a experiência de Deus e discernir comunitariamente a sua vontade	40
d) Comunidade em missão de hospitalidade	40
e) Uma comunidade com sentido de Igreja	41
5. O nosso caminho “pessoal” de espiritualidade	42
a) A oração pessoal como caminho de espiritualidade	42
b) Um projecto pessoal de espiritualidade	42
c) Contemplativos na missão	43
d) Dimensão corporal do nosso caminho de espiritualidade	44
6. A formação como caminho de espiritualidade	45
a) Primeira etapa: iniciação carismática	45
b) Segunda etapa: responsabilidade operativa	46
c) Terceira etapa: limitações cada vez maiores	46
d) Momentos cruciais	46
CONCLUSÃO	47